

ILUSTRAÇÃO



As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HATTERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justical*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre João*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPÁTHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade das biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^a vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^a vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se
lê depressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

QUANDO NADA HÁ QUE TENDE O SEU APETITE...

Quando o seu apetite diz
"Não", à maior parte das
coisas de que gosta, experi-
mente um prato de KEL-
LOGG'S Corn Flakes.

Estes levíssimos flocos
aloiçados de milho são tão
saborosos que o seu apetite
não lhes resiste.

Tão fáceis de digerir como
de servir.

Já vêm preparados. Não
necessita cozinhar. Basta
apenas rasgar o papel im-
permeável do pacote e dei-
tar os flocos num prato
com leite ou nata, açuca-
rando-os se assim dese-
jar.



Tenha sempre à mão um
pacote para preparar uma
refeição rápida. Toda a fa-
mília gosta deste alimento
saudável.

Peça nos bons estabeleci-
mentos o pacote
VERDE E VERMELHO



Kellogg's CORN FLAKES

AGENTES E DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:
FIGUEIRA & ALMEIDA — Rua da Madalena, 88-Lisboa

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

por A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol de 308 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por SOUSA COSTA

Brandões, Marçais & C.^a

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avó. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
— Julio Dantas.

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00
Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 4.^a EDIÇÃO

Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro dum das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
L I S B O A

Acaba de sair

A 6.ª EDIÇÃO

Jornadas em Portugal

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **16\$00**

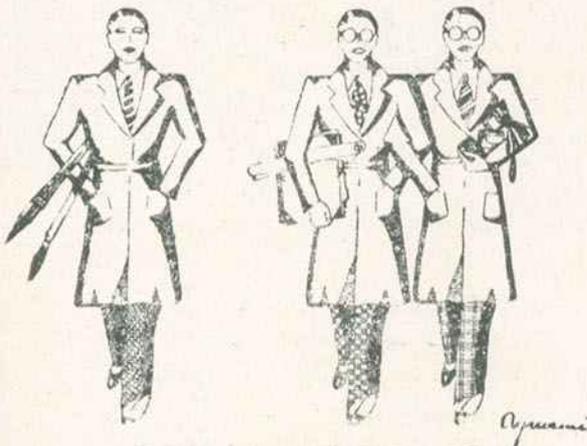


Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Grande sucesso

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.ª EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade
— Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da
Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne
— A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos
— O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra
— A campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radio-
fónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 págs., enc. 15\$00
broch. 10\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINIOS — COPA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUÍOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar



1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
Enc. 15\$00



A' venda em todas as livrarias



Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80
LISBOA



Depressões e todo o mal-estar físico tem uma cura simples. Dois comprimidos de Cafiaspirina restituem o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



PASSOU mais um aniversário da proclamação da República.

Mais uma vez a alma republicana se manifestou concorrendo aos lugares sagrados onde descansam as nobres figuras a quem a Pátria deve a implantação do regime. Efectuou-se uma romagem, promovida pelos Centros republicanos, tendo os que nela tomaram parte guardado respeitoso silêncio junto dos túmulos.

Para comemorar essa data histórica realizaram-se ainda nos dias 4 e 5 deste mês, respectivamente, uma parada militar e uma revista naval. O Exército e a Marinha associaram-se deste modo ao regozijo popular.

Aqueles que teimam em não se integrar dentro do regime republicano tiveram ocasião de verificar que os sentimentos do povo português se afirmam cada vez mais dentro dos tradicionais princípios da liberdade.

Foi grande o pânico em terras de Portugal quando na noite de 9 deste mês o espectáculo maravilhoso do céu profundo se animou com vistosa chuva de estrelas.

Insensíveis à beleza dessa pirótecnia sideral, os mais timoratos logo clamaram que se ia acabar o Mundo. E numa povoação lá para o Norte, tão grande foi o terror que os sinos tocaram a rebate, ainda não se sabe bem com que fim.

Os homens persistem pois em imaginar que o cataclismo, destinado a limpar a face da Terra da sua presença, partirá do céu. A poucos ocorreu ainda que ele pode estar entre nós, amassando com os ódios e as incompreensões entre os povos, o fim da pobre e orgulhosa Humanidade.

A diplomacia portuguesa acaba de conquistar, em Genebra, um dos seus maiores triunfos dos últimos tempos com a eleição do nosso país para membro do Conselho da Sociedade das Nações.

Não é demais insistir na importância excepcional que representa a nossa admissão no círculo restrito desse Conselho, que exerce acção preponderante no organismo genebrino. Não só o facto pode ser altamente proveitoso para as nossas relações internacionais como representa o justo reconhecimento pelas potências estrangeiras da colaboração dedicada que desde o primeiro momento vimos dando à S. D. N.

A satisfação dessa antiga pretensão do nosso país deve-se, em primeiro lugar, à política inteligente do sr. dr. Caeiro da Mata, ilustre ministro dos Negócios Estrangeiros, que acrescentou deste modo mais uma incontestável vitória a tantas outras que assinalam a sua acção dentro do actual Governo, como sejam a conclusão do Tratado de Comércio com o Brasil e o acôrdo sobre divisas com a Alemanha.

O sr. dr. Caeiro da Mata teve nos nossos representantes junto da S. D. N., srs. drs. Augusto de Vasconcelos e José Lobo de Avila Lima, dois colaboradores dedicados que muito contribuíram para o êxito agora alcançado.

Decorreu com invulgar animação o 1.º Congresso da Indústria Portuguesa inaugu-

CRÓNICA DA QUINZENA

rado no dia 8 do corrente com uma brilhante recepção na Câmara Municipal de Lisboa.

A organização da vida moderna criou a necessidade destas reuniões em que os grandes problemas que interessam a qualquer ramo da actividade ou do conhecimento humano encontram a melhor ocasião de ser apreciados. A sua utilidade já não sofre hoje, portanto, discussão.

Mas no que se refere particularmente à nossa indústria fazia-se sentir a falta dum Congresso que servisse de remate à Exposição Industrial e coordenasse os ensinamentos nela colhidos. Assim o entender a comissão organizadora que, impulsionada pela vontade energica do sr. José Maria Alvares, conseguiu pôr em execução a ideia do Congresso.

Das directrizes manifestadas neste 1.º Congresso há a salientar que a indústria portuguesa apoia o movimento nacionalista da hora presente e se propõe conseguir que Portugal se baste a si próprio.

Deve chegar por estes dias a Lisboa uma embaixada de estudantes brasileiros que vêm retribuir a visita que os estudantes portugueses há anos fizeram ao Brasil.

A ideia é das que merecem incondicional aplauso. Nada melhor, na verdade, para estreitar as relações de amizade entre dois povos do que estabelecer uma aproximação entre as respectivas mocidades.

As classes intellectuais do Brasil de amanhã ficarão a compreender melhor o nosso país depois desta viagem. E como comprehendê-lo é estimá-lo, os visitantes de hoje serão amanhã os mais decididos defensores do nome de Portugal contra certos acessos históricos dum nacionalismo acanhado.

A política espanhola sai agora dum grave crise que marca um momento decisivo nos destinos da República.

O Governo chefiado por Lerroux sucumbiu, quando, da sua apresentação às Côrtes, às mãos dum maioria que deixou de corresponder à expressão da vontade popular.

Os momentos que se seguiram foram, sem dúvida, dos mais perigosos para a vida do regime. A intransigência das esquerdas em aceitar um Governo de ampla concentração republicana nos moldes sugeridos pelo chefe do Estado parecia ter conduzido a situação a um bécio sem saída.

Lerroux deu, porém, o espectáculo dum alevantado patriotismo cedendo o seu lugar e calando os seus ressentimentos para que outros pudessem realizar a missão que ele intentara. Martínez Barrios conseguiu, graças a esse inteligente espirito de transigên-

cia, organizar novo Governo, para o qual transitaram sete ministros do gabinete de Lerroux.

Foi a atitude de Lerroux que levou os socialistas a quebrarem a sua irreductibilidade e que decidiu, pois, a solução da grave crise politica.

No dia imediato ao da formação do novo Governo, o órgão official publicou o decreto de dissolução das Côrtes, marcando novas eleições para o dia 19 do próximo mês.

É de prever que o novo Parlamento, que reunirá pela primeira vez no dia 8 de Dezembro, venha a reflectir a tendência conservadora que se acentua na opinião pública espanhola. Se assim for, a patriótica atitude de Lerroux não deixará de ser reconhecida, e esse homem quasi septuagenário, que é um politico cheio de juventude, poderá vir ainda a exercer acção útil e preponderante na politica do seu país.

Começou a reabertura das aulas nos diversos liceus de Lisboa.

O facto mais importante do novo ano lectivo que agora se inicia é sem dúvida o aumento da população escolar. Corre por Portugal inteiro uma febre de instrução que se reflecte numa maior affluência aos estabelecimentos de ensino secundário. Há que auxiliar esse louvável impulso, orientando-o onde se julgue necessário, mas sem nunca lhe criar entraves.

O problema da instrução é dos que exigem demorada atenção. É preciso procurar as dificuldades que se opõem a uma maior diffusão da cultura e dar-lhes pronto remédio. Afirma-se, com sérias razões, que é encaminhado no sentido das profissões liberais um número excessivo de individuos. Seria conveniente neste ponto procurar corrigir o facto, mas em caso algum isso deve ser feito por meio de entraves de qualquer ordem postos à aquisição dum curso de cultural geral que deve ser accessível a todos.

Mais uma vez um grave incidente veio perturbar as relações difíceis entre o Japão e a Rússia soviética.

A questão gira à volta do famoso caminho de ferro do Leste chinês cuja propriedade a Rússia se mostra disposta a negociar com a Mandchúria a fim de evitar atritos com o Japão.

É bastante possível que tudo se resolva pelo melhor, isto é, pacificamente. Mas nem por isso a situação deixará de ser bastante tensa. Rússia e Japão são duas raças que se defrontam, dois sistemas sociais opostos que se chocam. Nem um nem outro desejam a guerra. O Japão porque sabe bem que a vitória não seria tão fácil como em 1904, visto que a Rússia de Staline é mais poderosa que a Rússia dos Czars. A União Soviética, por seu lado, porque não quer comprometer os resultados do plano quinquenal e para não fornecer uma arma aos seus detractores.

Tudo isto pode, contudo, ser insufficiente para evitar a guerra. E a labareda pode levantar-se tão alta, dum dia para o outro, no Extremo Oriente, que ao seu calor se abraze o resto do Globo.



Nun'Alvares Pereira

(Quadro de Luciano Freire)

CLAMADO rei D. João I nas puritanas côrtes de Coimbra — ameno por influência dos grandes do reino, inclinados a Castela, do que por imposição da arraia-miúda, sedenta de autonomia — Nun'Alvares, Jesus Galaaz que ressuscitara a espada de Merlim, mete direito ao Porto.

A *Civita Virgínia*, a velha cale do bispo D. Hugo, mantém o fóro da primitiva lealdade. E sempre leal, á fé jurada, á crença cimentada em promessas e obras, diz-se que o moço Nun'Alvares vai prepará-la para bem receber em seus muros o rei de Portugal, aquele por quem cometerá o prodígio dos Atoleiros, por quem dentro em breve realizará o milagre de Aljubarrota. Mas, na verdade, ao arrancar de Coimbra, com a sua hoste reduzida de cem lanças e poucos mais homens de pé, o seu anseio é outro — é armar uma frota que vá ao Tejo destroçar a dos castelhanos, arrancar em seguida contra as praças que no Minho se cerram por Castela, e submetê-las ao legítimo Senhor,

para que suas sejam e por. Ele se abram na primeira visita régia do Mestre de Avis ao norte dos seus domínios.

Montado em mula possante, meio de corpo, forte de braços e pernas, viseira erguida, os pequenos olhos azuis sorrindo na face branca, em que reluz a barba ruiva dos 24 anos, a armadura de ferro sob a jaqueta de lã verde bordada de rosas vermelhas, caminha á frente dos companheiros de armas todo possuído do sonho redentor. No Pôrto, aguarda-o a mulher, a suave D. Leonor de Alvim quasi esquecida no seu solar de Santa Marinha de Pedrassa, em Cabeceiras de Basto; sua filha, a loira e tamaninha Beatriz, que não vê desde a invasão do reino pelo rei de Castela, ainda em vida de D. Fernando.

Mulher e filha, porém, a quem muito quer, não lhes quer tanto como ao seu sonho, em que elas são vago ponto de referencia. Porque de pelejas, batalhas e vitórias, pelo rei aclamado e pelo reino liberto, é que está cheio o primeiro plano desse sonho...

A chegada ao Pôrto, anunciada por escudeiros que de Coimbra havia despachado a galope, acodem á Ribeira, ao desembarque do Douro, o bispo D. João de Azevedo, sob o palio da Sé; os burguezes e homens do Senado, nos seus gibões de festa; D. Leonor de Alvim, e a filha Beatriz, nas suas liteiras armoriadas, e parentes, e amigos, de liteiras, e cadeirinhas, conduzidas por escravos e alimarias, entre pagens e azemeis ás redeas tauxiadas de prata e ouro.

Trepam congostas e ruelas estreitas, á sombra de altas casas, de andares sobrepostos, com varandas de adufas e rotulas. Entram na Sé, onde Nun'Alvares e comitiva entregam a Deus palavras e pensamentos. E dali, beijado para a despedida o anel do bispo, D. Nuno toma o caminho do solar dos parentes que tão hospitaleiramente lhe haviam acolhido mulher e filha.

Ora o Pôrto, que lhe nega cabedais para aparelhar a frota desejada, oferece-lhos, em abundância, para subir ao Minho na conquista das praças rebeldes — rebeldia em que se destacam as do fronteiro da Galiza e Meirinho-Mór da provincia de Entre Douro e Minho, Lopo Gomes de Lira, oitavo senhor da torre de Lira, senhor do Castelo de Fraião, na Riba-Minho, alcaide-mór de Braga, Viana do Castelo, Ponte do Lima e Castelo de Neiva. Lopo Gomes estende os seus domínios de renegado por dois terços da provincia.

Pelo que, decidido a abate-lo, e a entregar aquelas praças a fidalgos leais ao rei português, Nun'Alvares decide igualmente adiantar o passo a caminho de Santiago de Compostela, na romagem devida ao patriarca das Espanhas.

Larga do Pôrto, despedido pela mulher e filha, por parentes e amigos, em tarde luminosa desse maio de 1358. A saída da cidade, uma azemola das bagagens tomba redondamente morta. Isto basta para que homens de armas e peonagem se tomem de terror de mau agouro — desertando alguns combatentes do cento e meio de lanças e dos dois centos de béstas que lhe compõem a hoste.

D. Nuno não desmídia diante das deserções. Ri até dos timoratos que acreditam ter visto o Diabo a anunciar as traças infernais que deram a morte á azemola.

Pernoita no acastelado mosteiro do Bálho de Leça, de que seu pai fóra Mestre. E na manhã imediata, ainda o sol anda por longe, a hoste larga na belicosa avançada contra o Minho.

Mas agora leva consigo um cento mais de escudeiros portugueses e galegos, com homens de pé, armados de béstas, fundas e piques. Além disso conseguira dobrada gente para as máquinas pesadas de guerra, quatro engenhos de bater, quatro

A hoste de Nun'Alvares P'la honra da castelá!

possantes arietes e para as escadas da escalada dos muros, e para os manteletes de protecção aos combatentes, no acêso dos tiros de pedras, flechas e virotões disparados do alto.

A manhã entrebre a custo, cerrada numa névoa quasi impenetrável. Entre as duas estradas, a de Braga e a de Viana, numa névoa quasi impenetrável. Entre as duas estradas, a de Braga e a de Viana,

irmãmente a oferecerem-lhe o leito para a marcha, toma a de Viana, disposto a cair sobre Braga no regresso da sortida. E á vanguarda dos seus fiéis avança para as bandas do rio Lima.

Pelo caminho, lançado o pregão de guerra através das trombetas de prata, a hoste engrossa sempre — juntam-se-lhe fidalgos, que dos seus solares descem a aumentar-lhe lanças e peões; acode-lhe a peonagem das aldeias, que dos seus casbres vem prestar vassalagem ao Condestabre.

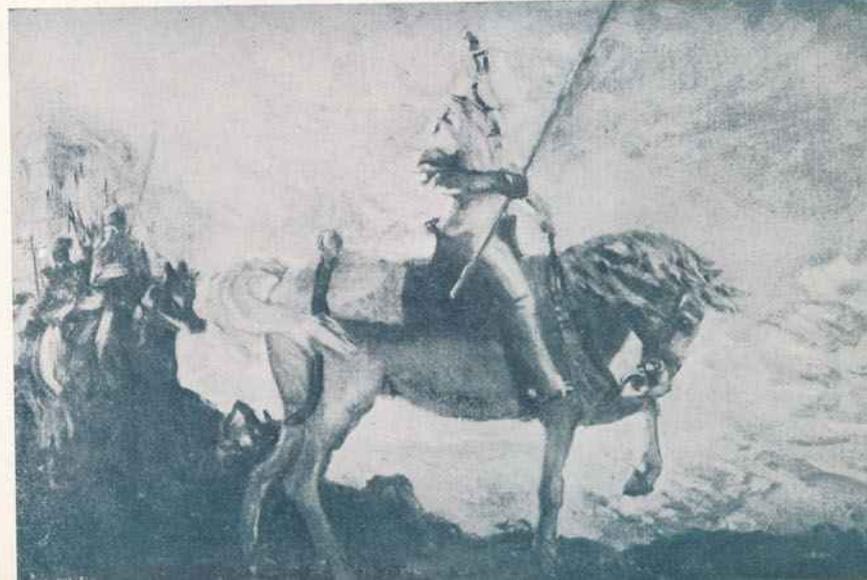
O sol surge, desimpedido da névoa matutina, ali por horas de terça. E a hoste, sob a sua chuva de luz, respandee em fulgôres de apoteose — as lanças despedindo reverberos de fogo; as espadas brilhando como línguas de chama; os bacinetes emplumados a esplenderem que nem espelhos polidos; os braçais das armaduras a lampearem que nem prata nova.

O Condestabre, na sua mula altejana, apruma o busto hierático á testa da coluna — entre o seu pendão, desfraldado pelo alferes Diogo Gil, e o seu escudo, conduzido pelo gigantesco Fernandes. O escudo é branco, com a cruz rubra do escudo de Galaaz ao centro, cruz tinta pelo sangue de Jesus-Redentor. Da branca da cruz do escudo é o pendão, estandarte místico e amulêto sagrado da autonomia lusitana. Tal qual no escudo a cruz de Galaaz abre ao centro os braços ensanguentados. Sobre o primeiro braço, ao alto, junto á haste encimada por uma lança, agonisa Jesus Crucificado, assistido pelo choro silencioso de sua Mãe e o extase mudo de S. João. Ao lado, tambem ao alto, sobre o segundo braço, a Virgem arroia o Jesus-Menino ao colo. Sob o resguardo inferior dos mesmos braços, á esquerda S. Jorge, o elmo no chão, joelhos em terra e mãos erguidas, implora o Senhor; á direita, Santiago, em postura semelhante, comunica com o Céu. E aos quatro cantos do estandarte, em campo vermelho, recorta-se a cruz da linhagem heráldica dos Alvares Pereiras.

Á rectarguarda do Condestabre desdobra-se a flor da fidalguia do seu séquito, em soberbos ginetes, os elmos emplumados e de viseira erguida, á maneira de D. Nuno. Cada um deles se fez acompanhar do seu escudeiro, do seu peão da lança e do cavalo, sobre as armaduras os loudeis vermelhos, ou brancos, ou negros, conforme as côres das suas ordens ou das suas casas. Na pégada dos grandes fidalgos vão as alas de fidalgos menores, ziguezagueando, enchendo os campos do ruído das vozes e do linir das armas. Os homens de pé, bésteiros, fundibulários e quadrilheiros, avançam em seguida. E no couce da hoste arrastam-se os engenhos de bater, as azemolas dos martimentos, os animais, bois e carneiros, consignados ao abastecimento de centos de boas bocas.

Marchando ao sabor da estrada pedregosa, sob o regaço de árvores de boa sombra, na mocidade colorida das folhas novas, ao aceno das videiras que se lhes penduram

«A alma da Raya»
(Quadro de João Bello)



sensualmente dos ramos, a serpe vistosa de plumas e reverberos não lembraria a guerra, mas sim as cavalladas de festa e gôso, se não fôsse a catadura das máquinas de assalto, e os gibões de coiro, e os capelos metálicos da peonagem. Ao estrépito ruído de trombetas, ao alarido de vozes e tropear de cavalos, surgem na estrada homens e mulheres, a arraia miúda dos povoados perdidos entre o arvoredo — erguidos na terra farta os pobres tetos de colmo, e as torres alvissimas das igrejas que lhes abençoam as horas do repouso e do trabalho.

Elles vestidos de burel, as cabeças chamorras de pêlo rapado, elas nos tecidos vivos dos seus teares de lã e linho, ajoelham quasi, quasi pedem a benção aos fidalgos belicosos.

A hoste, agora reforçada com a mesnada de Garcia Lopes de Calheiros, contrário a Lopo de Lira, que de Ponte de Lima correa ao pregão de Nun'Alvares com cem lanças brasonadas, fóra escudeiros e peões, assenta arraial no contorno de Darque, povoação á margem esquerda do Lima — no seio de pradões que na roda do ano contam aos centos os carros dos seus frutos, o ouvido á escuta do murmurar amigo do Lima, o aspecto satisfeito de quem se orgulha da comunidade processional de choupos e negrilhos. E como á ilharga, a dois vãos de pomba, ascende o morro alteroso do Castelo de Neiva — uma das praças rebeldes do rebelde Lopo de Lira — D. Nuno destaca contra êle forte trôço das suas alas aguerriadas.

Mas antes de partirem ao assalto — o sol inclina já a cabeça para o leito de repouso — os combatentes rezam a Salvê-Rainha da encomendação a Deus e Maria Santíssima.

A gente miúda da carriagem, montadas as tendas para os fidalgos e abatidas as reses para a ceia, eleva a meio do bivaque o altar de Deus, sempre pronto para o sacrificio divino. E cavaleiros e peões, entre filas de homens de armas empunhando tochas acesas, dobram o joelho, curvam a cabeça, cantam a Salvê-Rainha, com o ministro do Senhor paramentado.

— Amigos! Deus será por todos os que forem por seu rei! — clama D. Nuno, finda a cerimónia, aprestados os combatentes, a face iluminada de certeza, a mão apontando o Castelo de Neiva, que branqueja ao sol, á garupa do monte, na sua mocidade de anos minguados, pois o fizera construir pouco antes D. Fernando. — Por Portugal e por S. Jorge! E dizei ao alcaide do castelo, Álvaro Gomes Bazelar, a vergonha de seguir seu sogro, Lopo de Lira, tão ruim fronteiro quão ruim português!

Os cavaleiros partem a galope, precedidos de trombeteiros e do clamor das suas trombetas. Na poeira dos cavalos, esticando béstas, alcançando lanças, agitando fundas, avançam três centos de homens de armas, e a peonagem dos engenhos de bater, e a das escadas, e a dos manteletes, uns e outros, cavaleiros e peões, sacudidos pelo crepitar do verbo profético do heroi.

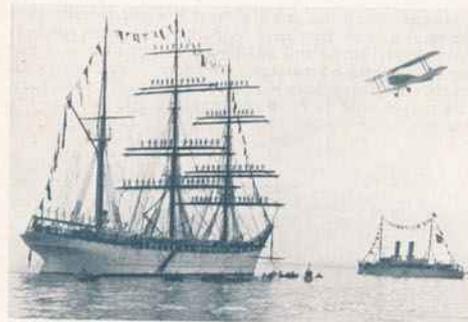
(Lêr no próximo número a segunda parte deste episódio). Sousa Costa.



O ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA

A parada militar e a revista naval

Nos dias 4 e 5 do corrente realizaram-se, respectivamente, uma parada militar e uma revista naval. As nossas gravuras representam, em cima, dois aspectos do desfile na Avenida da Liberdade e em baixo, quatro vistas da nossa esquadra, ancorada em Cascais. Entre elas, vê-se o navio-escola «Sagra», com os marinheiros formados nas vergas e o espectáculo que oferecia a baía observado dum avião, fotografia tirada pelo tenente Pais, da esquadilha Ribeiro da Fonseca. O «Vouga» — que ancorava no tope o sinal de navio-chefe — deu os vivas do estalo à passagem do «5 de Outubro», onde estava o general Carmona.



Os cumprimentos no Palácio de Belem

No Palácio de Belem, as recepções ao Corpo Diplomático, magistratura, officialidade de terra e mar, altos funcionários e outras entidades officiaes, tiveram na tarde de 5 de Outubro, uma imponência desusada.

Em primeiro lugar — pelas 11 da manhã — foram recebidos os membros do Corpo Diplomático. Em nome dos representantes diplomaticos, apresentou saudações ao Chefe do Estado, o sr. Nuncio Apostólico, felicitando-o pela passagem de mais um anniversario da República.

O sr. general Carmona agradeceu os cumprimentos e em



Os officiaes-generaes que compareceram no dia 5 de Outubro no Palácio de Belem.

Marinha, tendo á frente os srs. almirantes Melo Cabral, Mendes Cabecadas, Isaías Newton e Tito de Moraes e commandantes das brigadas de Marinha.

O sr. general Carmona recebeu em seguida os officiaes da guarnição, em número de algumas centenas, entre os quais os srs. generaes Domingos de Oliveira, César Pina, Vieira da Rocha, Almeida Aroz, Daniel de Sousa, Farinha Beirão, José Vicente de Freitas, Alexandre Malheiro, Silva Bastos, Amílcar Pinto, Eduardo Marques, Bernardo do Canto, José Paulo Fernandes, Boaventura Ferraz e Carrilho; brigadeiros João de



Alguns membros do Corpo Diplomático que cumprimentaram o Chefe do Estado.

seguida os ministros estrangeiros desfilaram pela sua frente.

Terminada esta cerimonia, deu-se inicio á recepção das entidades officiaes. Entrou primeiro o sr. conselheiro Sousa Monteiro, presidente do Supremo Tribunal, de Justiça. Seguiram-se os juizes e desembargadores, autoridades administrativas, com o sr. tenente-coronel Linhares de Lima, presidente da Comissão administrativa da Camara Municipal de Lisboa, á frente, governador civil de Lisboa, membros do conselho central das Juntas de Freguesia e antigos ministros da Ditadura.

Depois deu entrada na sala a officialidade de



A officialidade da G. N. B. com o seu commandante Farinha Beirão, em Belem.

Almeida, Silveira e Castro, Malheiro, Lobato Guerra e Magalhães Correia.

Estavam representadas todas as unidades do Governo Militar de Lisboa, da Guarda Fiscal, G. N. R., serviços e delegações dos estabelecimentos militares de ensino.

Por último, desfilaram perante o sr. Presidente da República, os altos funcionários, directores geraes, chefes de repartição, sr. Machado Pinto, director geral da Assisistencia, e os directores e delegações de alguns dos Institutos de Assisistencia; comissões districtal, municipal e de freguesia da União Nacional; representantes da Associação Commercial de Lisboa, Associação Industrial Portuguesa, Sociedade de Propaganda de Portugal e Automóvel Club de Portugal, e, ainda, de outros organismos.



O governador militar de Lisboa e os officiaes da guarnição, antes dos cumprimentos.



NA PÓVOA DE VARZIM

O que foram as festas infantis durante o mês de Setembro

Os «concretos» da «corrida» que se realizou na Avenida dos Banhos

PÓVOA DE VARZIM é uma linda e animada praia de banhos e a mais concorrida das praias nortenhas.

«Póvoa do Mar» lhe chamam também e, em verdade, o seu mar azul, bonançoso e seguro e o seu vasto areal sem pedregulhos ou fraguados, onde as crianças brincam alegres e despreocupadas e os banheiros são dispensados por desnecessários, dão-lhe a fama e renome de que justamente se ufana.

O banhista que ali vai uma vez volta no ano seguinte e volta sempre preso dos seus encantos e dos «milagres» dos seus banhos.

É que o mar ali é o de mais algas e consequentemente o de mais iodo de toda a costa portuguesa.

Mas não é só isto, que é muito que prende e encanta o banhista.

A vila é formosa e progressiva de gente boa e hospitaleira, de pescadores heróicos como outros não há.

Todos os anos se encontra um melhoramento novo.

O de este ano foi a Esplanada do Carvalho, um lindo miradouro, que a vontade inteligente de Joaquim Graça, presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo, pensou e fez construir.

Foi nesse esplêndido local que se realizaram as «Festas Infantis de Beneficência».

A Póvoa tem as grandes festas tradicionais de Agosto e Setembro, a que anda ligado o nome prestigioso do «Club Naval», mas que este ano foram feitas por uma comissão nomeada pela Câmara Municipal. Essas festas têm sido das melhores do País e costumam levar à for-

mosa praia nortenha muitas dezenas de milhares de visitantes.

Mas tem igualmente as encantadoras festas infantis, que o espirito juvenil e entusiasta do dr. José Pontes, grande e desinteressado amigo da Póvoa, o idolo da petizada, inventa, promove, ensaia e realiza.

Reuniu em volta de si todos os miúdos que o estimam, respeitam e tratam como camarada mais velho. Rodeiam-no um grupo de bons poveiros como o venerando António Gomes, Vicente Azeias, o seu «chefe de gabinete», Santos Graça, o poveiro mais poveiro, dr. José Sá, inteligente e vivo, José Costa, o empresário activo e prestante; o prestigioso comandante Francisco Novoa e ainda auxiliares valiosos como o coronel Mesquita, dr. Abel Pacheco, Topes, o cronista de «O Primeiro de Janeiro», Manuel Gomes, Fernandes Trovão, José Sá Gomes, José Campos Costa, Rebelo Júnior, distinto cenógrafo-decorador, e ainda «O Século», o grande jornal que à Póvoa tem prestado os mais assinalados serviços.

Com todos estes elementos, ou melhor, graças ao dr. José Pontes, as festas infantis resultaram grandiosas, belas, educativas, impregnadas de cor, movimento e alegria.

«A Beneficente», simpática e prestante colectividade local e a «Colonia Infantil» de «O Século» para quem se destinou o produto dos festivais, bem merecem do carinho dos poveiros e dessas duas centenas de crianças que todos nós aplaudimos com calor e emoção.

Tomaz Pessoa.



No centro: Aspecto do chá em honra do sr. dr. José Pontes, oferecido pelos pequeninos da Póvoa de Varzim e o homenagem organizada a gentileza do oferta

Em baixo: O «corrido» infantil em direção à praça de touros e um aspecto das corções



Um grupo de gentis «espanholas» que animaram a «corrida»



No centro: Parte da assistência à animada «ginástica desportiva» e um dos «corridos» que levaram «espanholas» no «corrido» e alegre «corrido» infantil

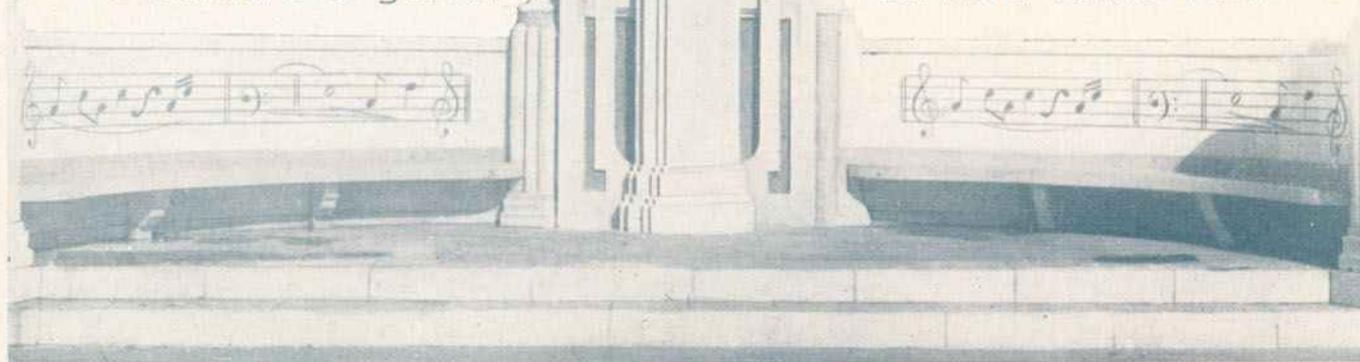
Em baixo: Uma «vega» «ridente» e o Rancho Infantil do Monte que figurou nas Festas Infantis



Foi inaugurado um monumento

na cidade
à célebre e genial

de Setubal
cantora Luiza Todi



LUIZA Rosa de Aguiar Todi é a cantora maior da nossa terra, em todos os tempos. A excelência da sua voz peregrina deslumbrou os mais selecionados públicos europeus. Mulher e artista, Luiza Todi empolgou os corações, tocou indelevelmente as sensibilidades. O seu estro admirável de diva magnífica galgou fronteiras, venceu distâncias, fixou atenções, marcou à arte lírica nacional uma direcção suprema, uma altura, ainda, até hoje, intingíveis. São as duas figuras mais representativas da arte musical portuguesa: Luiza Todi e Marcos Portugal. Neste caso o «representativo» quer dizer difusão da faculdade, revelação de escola, rubrica de raça. Os grandes mestres da lírica-musical haviam tomado conta de tablados, de público, de pontos musicais, da celebridade, enfim. Confinara-se a eles a fama, o encómio, a extensão bio-bibliográfica, tudo, numa palavra, o que engrandece, o que alteia, o que define, o que personalisa, o que propaga, o que torna imperecíveis a grandesa, o clangôr da nomeada, a virtude da rarsa. Portugal em Luiza Todi e Marcos Portugal vivem os seus melhores momentos de arte, fez-se notório, claro de reputação, vibrante de caracter. Mas Luiza Todi, porque era mulher, perdurou em hausto de belesa, impôs o bleso da sua formosura: a moral e a ternura. Hoje, os cronistas não sabem do que melhor fazer destriça, se do génio da cantora se da auréola da mulher, 1753 e 1833 são anos de balisas da vida admirável, para portugueses, que essa mulher encarnou no mundo do Belô e do Bem. O Teatro do Bairro Alto, o decantado palco onde a arte dramática e lírica tanto se enobreceram, assistiu ao principiar na arte de Luiza Todi. E, não foi decerto, a precocidade que ganhou fóros de valia, nem a revelação fulminante que exacerbou as admirações. Figura apagada ao lado de sua irmã Cecília Rosa, que chegara ao apogeu rapidamente, tinha papeis de inferior classificação. No «Tartufo» de Molière, Cecília orgulhou-se do lugar mais elevado da peça e Luiza contentou-se em interpretar a simples creada. Isto a

dar fé ao biógrafo David Peres,⁷ músico de reputação, cuja representação pictural está no teto duma das salas do palácio de Queluz, serviu de lição proveitosa a Luiza Rosa de Aguiar, depois Todi pela sua aliança matrimonial com o violinista italiano Francisco Saverio Todi. Deve ser assim, porque David Peres andou em labuta de ensino pelo palco do Teatro Bairro Alto, para onde escreveu música. Falhara Luiza Todi na engrenagem emocional do teatro declamado, mas o ano de 1770 revela-a na personagem principal da ópera de José Socolari «Il viggliatore ridicolo». Os seus 17 anos florescia em promessa musical. Já não pára a sua carreira gloriosa. Piccini, o notabilíssimo cientista italiano, que teve tanto de didático como de compositor de ópera, conseguiu então, de Luiza Todi, cujo nome andava já de boca em boca, um dos melhores interpretes de «L'incognita perseguitata». Desde esta época sorri á grande cantora o meio artístico estrangeiro e o seu casamento alia-lhe facilita-

des. E, não se detem na trajetória admirável. Estulto é enumerar os seus triunfos. Foi a «Olimpiada» de Paisiello, no primeiro teatro lírico de Madrid; foram os concertos espirituais em Paris em 1778-1779 e 1783; foram os concertos da Rainha na elegante Versalhes; foi a luta ardorosa de confronto com a grande Mara, no ano de 1783, que deu o aceso divisionismo artístico de «maristas» e «todistas»; foi a glória máxima na côrte de S. Petersburgo e o êxito retumbantíssimo na ópera de Graun «Alexandre e Poro», e na de Hasse «Lucio Papiro», foi a prosterinação da singela admirativa da imperatriz Catarina da Russia e de Frederico Guilherme da Prussia, que deu gazalhado e honrarias no seu palacio a Luiza Todi. Cheia de homenagens, rescendente de apoteoses, a grande mulher e artista setubalense, vem matar saudades do seu Portugal e, numa ocasião em que ás mulheres era vedada a entrada nos palcos, determinação do Marquês de Pombal e posteriormente excepcionalmente a lei para festejar o nascimento da filha de D. João VI, D. Maria Tereza, o palacio realengo do Castelo de S. Jorge, Luiza Todi enfrenta um público de selecção interpretando maravilhosamente, a oratória de Cavi «La proghiera esaudita».

Passa-se isto em 1793. Pouco mais de quarenta anos após, na modesta do seu 2.º andar da travessa da Estrela, a S. Pedro de Alcantara, próxima duma miséria completa e já cega, morre a maior cantora de Portugal, cujos ossos não será possível desencantar sob os peso das lages da igreja da Encarnação onde andam confundidos e misturados com outros... O 1.º centenário da morte de Luiza Todi assinalou-se pela inauguração do seu monumento na terra onde nasceu, Setubal, pátria também de Quevedo e Boccage. Quatro discursos, estandartes associativos a drapejarem festivos e saudosos, o povo recordado da glória passada e... a ausencia total dos músicos lusitanos!



Luiza Todi

Nogueira de Brito.

O ministro da guerra do governo Lerroux esteve em Lisboa

O sr. Juan José Rocha, que exerceu as funções de embaixador da República Espanhola em Lisboa e que foi ministro da guerra do gabinete Lerroux, esteve entre nós dois dias. Veio propositadamente entregar as cartas recredenciais de embaixador de Espanha, ao Chefe do Estado. Apresentou as suas despedidas ao ministro dos estrangeiros, sr. dr. Caeiro da Mata, a quem condecorou, em nome do governo espanhol, com a Gran-Cruz da Ordem da República — a mais alta condecoração que a Espanha possui. O sr. Juan José Rocha,



Após a chegada à estação do Rossio, o sr. Juan José Rocha, ex-ministro da guerra espanhol, acompanhado do sr. major Alberto de Oliveira, ministro da guerra português, passou revista à guarda de honra, que era feita por uma força de caçadores 7.º, sob o comando dum capitão



entregou, também no mesmo dia, ao ministro da guerra, sr. major Luís Alberto de Oliveira, as insígnias da Gran-Cruz da Ordem de Mérito Militar. No Palácio de Belém, quando da entrega das cartas recredenciais, o Presidente da República agradeceu o sr. Juan Rocha com a Gran-Cruz da Ordem Militar de Cristo. Em tôdas estas solenidades se trocaram amistosos discursos, onde se afirmou o desejo de boa amizade entre os dois países.

A esquerda — No ministério da guerra, depois do ex-ministro da guerra espanhol ter condecorado o seu colega português, este pronunciou um discurso em que disse: «Esta condecoração não me fica pertencendo, pertence a todo o Exército. Sou apenas, o seu fiel depositário»

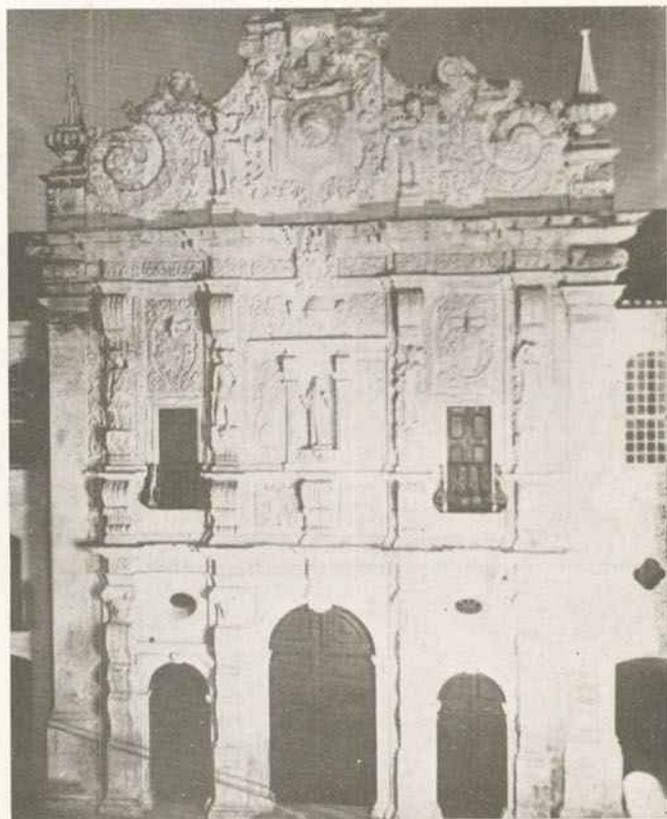
Em baixo — O Presidente da República, tendo à sua direita o sr. Juan José Rocha e à esquerda o sr. dr. Caeiro da Mata, ministro dos estrangeiros, acompanhado das altas personalidades portuguesas e espanholas, que assistiram à cerimónia da entrega da carta recredencial do antigo embaixador espanhol em Lisboa, finda a qual o sr. general Carmona agradeceu o ex-ministro da guerra espanhol, com a Gran-Cruz da Ordem Militar de Cristo





O novo embaixador japonês no Rio de Janeiro é o sr. Kinjuro Hayshi, que se vê na gravura com sua esposa e filhinha

O QUE VAI



A lindíssima igreja de São Francisco, da cidade de São Salvador da Baía, onde se realizou o Congresso Eucarístico



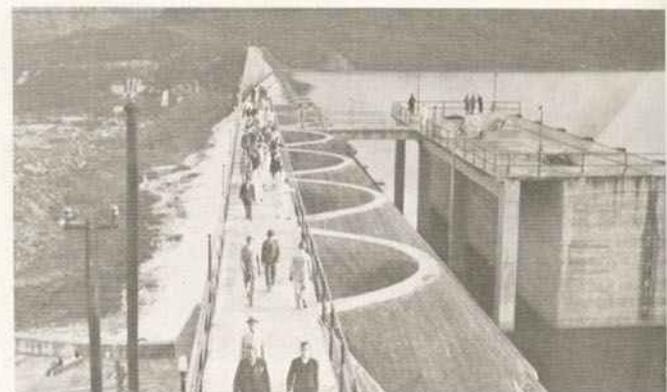
Aspecto solene da inauguração do Congresso Eucarístico a que assistiram quasi todos os prelados brasileiros



Na Sé da cidade da Baía existem os castiçais de prata e ouro, maiores do mundo, dum valor incalculável

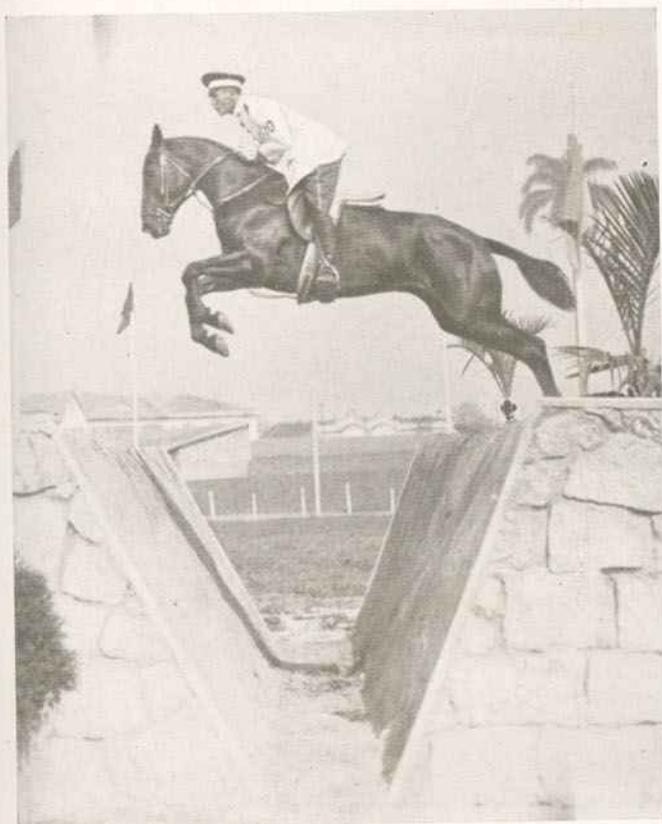


Embarque no Rio de Janeiro do cardeal D. Sebastião Leme, para ir assistir ao Congresso Eucarístico da Baía



O presidente Vargas visita na Baía a célebre «barragem» Jerry O'Connell, considerada a maior da América do Sul

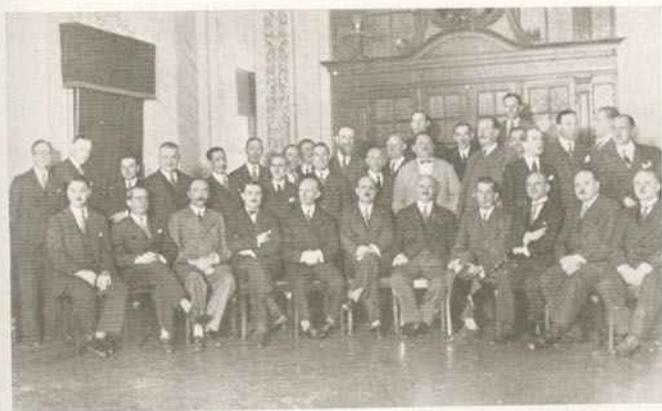
PELO BRASIL



No Prado do Itamaraty, do Rio de Janeiro, realizaram-se em Setembro, provas hípiças que estiveram concorridíssimas



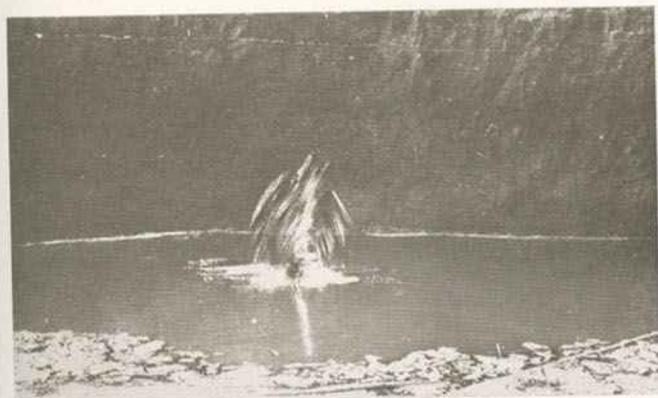
A nossa artista Dina Teresa — a protagonista da «Severa» — tem obtido no Rio de Janeiro, cantando fados, um êxito invulgar



Antes da sua partida para França, o embaixador francês no Rio, foi alvo de grandes manifestações de simpatia



À memória do grande actor Leopoldo Frois — tão querido das nossas platéas — foi colocada uma lápide no Teatro Carlos Gomes



Numa terra chamada Tamandaré a terra fendeu-se e deen saída a água fervente, fumo e lava



No teatro Municipal do Rio foi inaugurada, com grande solenidade, uma lápide a grande cantora Biba Sáyão

DEPOIS de tempo tormentoso, de grandes trovões e chuva, um dia chegou em que o céu se mostrou claro, sem nuvens, a terra toda banhada por uma radiante inundação de sol. E porque, naquele fim de Setembro, poucos dias me restavam de doce vida na aldeia, foi-me a mudança do tempo propícia para a última despedida a fazer. E eis-me por isso a pé, lentamente, a palmilhar os quatro quilómetros de estrada nova, larga e que liga, junto à Serra da Estréla, a povoação de Semeice à povoação de Santa Eulália. Neste curto trajecto, nem um rio, um ribeiro, um regato, de tranqüila água dormente a serpear na areia. Há porém árvores, muitas árvores.

Por entre elas — pinheiros sombrios, oliveiras cansadas, e velhos castanheiros de grosso tronco óco e cujos ramos viçosos parecem viver sem seiva — só de vez em quando se avista um ou outro cimo elevado dos imponentes Hermínios. Para oeste, porém, a Serra do Caramulo estende o dorso descoberto, em toda a extensão e largura. E, nesta tarde, de ar embalsamado com o aroma silvestre do campo, ainda humedecido, toda ela parecia vibrar sob a carícia voluptuosa da luz.

E assim bafejado por esta amenidade do tempo, cheguei a Santa Eulália. Mais uns quinhentos metros, através duma quinta bem tratada, e tenho enfim diante de mim a vivenda confortável dum bom amigo, contemporâneo de Coimbra, que se formou em Medicina, que atingiu um posto elevado nas Colónias, e cuja vida bem pode servir de exemplo para actos de caridade e de justiça.

No pequeno jardim, junto do portão da entrada, onde me anunciei, já o calor do verão havia amortecido as flores. Só um lindo cravo, todo farfalhado, de grandes pétalas rubras e tom aveludado, resistia ainda ao tempo. Duas horas de visita, que passaram como relâmpago.

É que parecemos sempre aqueles momentos que passamos junto de pessoas de sãos princípios, de moral que não é fingida, e cuja aura de bondade delectosamente penetra na nossa alma como um perfume etéreo, confortante e que parece vir emanado de Deus. Recordo ainda a despedida que pela virtuosa família atenciosamente me foi feita,



Rebanho de ovelhas recolhendo ao harado

se finava de doença e de que elas, por santa caridade, eram as enfermeiras.

— Ah! como a religião é apreciável, divina, quando ela se harmoniza com o amor do próximo, por mais humilde que seja, e quando dela nasce o elevado sentimento de caridade, sem exibicionismo, sem vaidade, a única que é pura, aceitável e a que mais póde agradar a Deus!... — assim ia pensando, enquanto subia uma ligeira encosta até encontrar a estrada que devia conduzir-me à minha aldeia.

la avançada a tarde. A luz brilhante do dia lentamente esmorecia. Já a sombra das árvores crescia muito, alongando-se, à medida que o sol descia. E até que por fim êle se sumiu, lá ao longe,

voluntoso e rubro, por detrás do negrume do Caramulo. E agora uma melancólica sombra lá envolvendo a terra. Aqui e além já um ou outro casal fumegava.

Nalguns sítios o fumo alastrava, muito baixo, como nuvem esbranquiçada à superfície da terra. Só alterava o grave silêncio, que do páldio céu caía, o leve rumorejar da folhagem e, uma vez por outra, o monótono chocalhar das ovelhas que, em rebanho e a balir, para as grandes malhadas seguiam. E mais fortemente êste silêncio foi alterado quando um carro de bois passou, lento, abarrotado de lenha, o eixo paciente numa longa chiadeira. Estendia-se lentamente o negro véu do crepúsculo. Já o toque distante dos sinos repicavam as Trindades. E, então, mais beleza achei a êste grande quadro agreste, cheio de simplicidade, com que a Natureza, sem artifício e despida de convencionalismo, tão fortemente me empolgava. É que se torna agradavelmente emotivo êste planante vibrar dos sinos, ouvidos assim no campo, isoladamente, longe dos ruídos,

À SOMBRA DA SERRA... O cravo da saudade...



Grupo de senilmeiras, depois duma vindima, na terreno adjacente a estrada que conduz a Santa Eulália

no decorrer da amenidade da tarde e quando só entregues à bucólica serenidade do mundo. Parece mesmo haver uma atraente harmonia entre êste sonoro falar do bronze com a melancólica queitação do campo, com o suave findar do dia e a noite que se aproxima.

E, continuando o meu regresso a casa e já indiferente à paisagem, que esmorecia, lá pensando que o homem tende, em geral, neste momento, para a concentração do espírito. Surpreende-o então mais o ritmo constante do mundo. Com ilusões ou sem ilusões, com prazer ou com dor, com felicidade ou sem ela, um dia acaba para ir começar outro. E isto invariavelmente, dentro de imutáveis leis, sãbiamente reguladas, por séculos e séculos, e não só no pequeno globo que habitamos como na imensa quantidade de mundos que rolam também sem descanço, com os seus dias e as suas noites, pela imensidade do Infinito.

E se à branda sonoridade do crepúsculo se segue um céu translúcido, atapeado de estrelas e vertiginosamente percorrido pela claridade vibrante de insondáveis e longínquos astros, o homem mais então pensa, mais medita e mais leva o espírito para os mistérios do Mundo. perante o magestoso quadro que observa e que o domina, regeita, como causa de tanta grandeza e de tanta harmonia, a obra do acaso. Não, não pode ser o acaso — vai êle pensando — que sãbiamente criou os milhares e milhares de astros, de grandeza e natureza diferentes e com os seus movimentos harmoniosamente combinados, sem cataclismos, sem atritos, sem erros e duma regularidade assombrosa. E, de cogitação em cogitação, baixa o raciocínio do homem desde o Firmamento até à superfície da Terra. Abs-

ser o Nada, em absoluto, antes do princípio do Universo e depois do seu fim?...
E, ainda a par daqueles que crêem e daqueles que são atormentados pela dúvida, lá aqueles que não crêem nem duvidam. São aqueles que não pensam;

e destes... não vale a pena falar.

Assim divagando sobre as opiniões diferentes, que aos crentes e aos duvidosos oferece o tanger dos sinos, a suavidade do crepúsculo e um lindo céu estrelado, havia terminado o meu regresso à aldeia.

Quando cheguei ao carvalho que, a sul, confina com Semeice, já mal se distinguem as diversas aldeias que matizam a vasta região, até lá ao longe, para os lados de Vizeu. Só na direcção de Man-

gualde, a ermida da Senhora do Castelo, muito sumidamente, alvejava ainda. No Sanatório do Caramulo e em Nelas, como pirilampas dispersos, começaram a aparecer luzes.

Aquele lindo cravo... Como eu desejei, quando cheguei a casa, que êle se conservasse assim, como me foi dado, muito colorido e fresco!... Porém, como tudo o que tem vida e está sujeito às leis fatais da Natureza, em breve morreria. E porque não podia evitar-lhe a morte e desejava somente prolongar-lhe a vida — o aroma, o viço e a carminada cor — com cuidado lhe mergulhei a haste num pequeno copo com água. Com bom aspecto ainda e sem que começasse a manifestar-se a grave doença, que principiava a miná-lo, ali se conservou durante três dias. Ao quarto dia, porém, véspera da minha partida para Lisboa, já as pétalas mais pequenas e mais desejosas de seiva tendiam a murchar. Nesse mesmo dia o tirei do copo, lhe reduzi a haste e o puz, ao comprido como se fosse um pequeno enfierno, numa pequenina caixa de lata.



Árvores virentes, de folhagem yermante, na estrada que liga Semeice a vila de Seia

traído da pluralidade dos mundos, das suas órbitas, da sua luz e da sua louca velocidade, e olhando só para aquilo que no nosso humilde planeta nos cerca, tem êle também de a cada momento repelir, na origem de tudo, a obra do acaso. Não foi sem inteligência que foi criada a linda e variada perfeição das flores, a interessante vida das abelhas, os fins variados a que são destinados os centenares de elementos que constituem tanto o corpo do homem como dos outros animais, e não foi enfim obra contingente e sem sãbia inteligência a série admirável de causas e efeitos, todos com um fim determinado para o equilíbrio da Natureza e que nos fazem enfim conceber uma Vontade Suprema, consciente, que tudo regulou e tudo harmoniza.

Os homens, que assim pensam, creem. A par destes há também, aqueles que duvidam e que vivem atormentados pelo indecifrável mistério. É que a estes ficallhes o espírito preso entre a ideia do espaço infinito, que os assombra e que foge à perscrutação do pensamento, e a ideia do finito como limite do Universo, o que faz supor o Nada para além deste limite, com o que se não concorda, pois ninguém pode, em absoluto, definir o Nada. E, continuando na meditação, ainda a sua inteligência aparece entalada entre as ideias da criação e não-criação do Universo. Não teria êle princípio e não terá, portanto, fim? Mas isso seria mais assombroso, inexplicável, pois não pode a imaginação conceber que tudo o que nos rodeia, desde o mais pequeno grão de areia até ao mais grandioso astro, possa existir só por si, sem que jamais tivesse princípio e sem que jamais tenha fim. E, não sendo assim, seria tudo tirado do Nada?... Mas, neste caso, o que vem ainda a



Um bairro da povoação de Semeice, entre arvoredo e ferreiros rubras

Uns borriões de água, a caixita muito bem acondicionada na mala, e assim me acompanhou até Lisboa. Quando porém cheguei e o retirei daquela minúscula ambulância, já os sintomas da morte se anunciavam. Ainda tentei criar-lhe alento, com a mesma cura. Mais borriões de água e mais água permanente na haste reduzida. Porém em vão. Tinha de ser. O definhamento, apesar de tanto cuidado, era cada vez maior. Perdera o aroma e enegrecia a cor. E, naquela agonia lenta, desaparecera enfim toda a graça, com que tanto me agradara. Eram já inúteis remédios, eram desnecessários cuidados. E até que, por fim, o meu lindo cravo morreu.

Denunciamos a morte as suas pétalas já secas, para se reduzirem a pó, e assim continuarem na incessante transformação da Natureza para a criação de novas coisas e de novas vidas. E conformado, visto que no Universo há forças mais poderosas do que a força da nossa vontade, peguei no lindo cravo, já morto, e pu-lo novamente ao comprido na pequenina caixa que lhe servira de ambulância. E é ela, desde a sua morte até hoje, que tem sido o seu caixão.

Ali repousa o meu companheiro, cada vez mais seco e todo encarquilhado, num canto que lhe escolhi na minha estante de livros. Vejo-o, de vez em quando, e então medito no semelhante e fatal destino dos diferentes seres que há no Mundo. Porque sucedeu àquele cravo o que sucede a muitos homens. Foi o seu destaque, entre outras flores, que lhe deu morte prematura. Fosse êle flor do tójo, da couve ou da ortiga e ali se provocaria a atenção, já a sua morte seria natural e mais tempo viveria. Morreu porém assim, êste lindo cravo, não por ambição ou inveja, como sucede nos homens. Foi o meu olhar demorado, cheio de admiração, e a cativante amabilidade duma gentil menina, que lhe anteciparam a morte. E, por isso, toda a minha alma se liga a êstes restos ressequidos e guardados, com carinho, na minha estante dos livros. Quero-lhes tanto!... Quantos cravos, cheios de frescura, de vivas cores e deliciosa fragrância, tenho visto neste verão, desde a casa onde vivo até ao centro de Lisboa... Vêem-se cardumes, ostentosos e belos, nos jardins da cidade, nas mesas dos mercados e nos estabelecimentos luxuosos das movimentadas ruas.

Muitas vezes os vejo no Chiado, arrogantes, pretenciosos, de diversos tamanhos e variado colorido, para a venda à gente elegante, por elevado preço. Tenho-os também tido, uns mais altivos, outros mais modestos, no pequeno jardim que me circunda a casa. Pois a todos sobressai, na minha alma, o meu lindo cravo já morto. É que bem sinto, junto dêle, a suavidade que o agradável passado na nossa mente grava, pois não deixa a memória jámais esquecer tudo aquilo que pertence ao coração e ao acervo domínio, com que se impõe a saudade.

Coronel Pals Mamede.



à pesca

duzia de palavras e êle escreveu:

«Era uma vez uma mulher que estava fechada num quarto onde não havia espelho».

O cúmulo da desconfiança:

«Apertar a mão a um amigo e, depois, contar os dedos para ver se falta algum».

— Antes de vir aqui, estive no consultório do dr. Jeremias...

— E que lhe disse esse burro?

— Que viesse consultar V. Ex.^a...

— Se o médico te dissesse que só tinhas um mês de vida, o que fazias?

— Ia consultar outro médico.

O marido — Porque me compraste esta camisa tão grande?

A mulher — Para o camiseiro não ficar sabendo que eu sou casada com um homem tão pequeno...

Na aula de direito:

— Que pena se deve aplicar a um bigamo?

— Mais castigo? Bem basta ter tido duas sogras.

— O que faz o teu filho que, em pequeno, enguliu a moeda de cinco escudos?

— Está no banco.

— E dão-te os juros?

— Empresta-me cem escudos, mas dame unicamente cinquenta.

— Porquê?

— Porque assim ficas-me a dever cinquenta e eu fico-te a dever também cinquenta.

— E depois?

— Depois, estamos pagos.

Na loja das meias:

O freguês — Quero três pares de meias.

O caixeiro — São para sua esposa, ou deseja-as duma qualidade melhor?

O Lopes vai consultar uma bruxa:

— A meio da vida terá uma doença grave.

— E morro?

O homem é o único animal que paga para comer.

— Passo uma vida horrorosa. Minha mulher quando está mal disposta, grita e chora...

— Mas há-de haver momentos em que esteja bem disposta.

— Pois sim, mas então ainda é pior.

— Porquê?

— Porque vai para o piano e canta e toca.

— Está lá fóra o médico.

— Dize-lhe que saí.

— Mas eu já disse que o senhor estava em casa.

— Então, dize-lhe que estou doente.

Um pedaço de folhetim:

«... O engenheiro, segundo o seu velho costume, passeava no jardim, para cima e para baixo, com as mãos atrás das costas, profundamente aborrecido na leitura dum jornal».

Projectos de felicidade:

Êle — Meu amôr, quando casarmos, não terás outro remédio senão fazer a comida de cada dia.

Ela — E tu, meu queridinho, não terás outro remédio senão comê-la.

À volta do colégio:

O pai — Porque vens a chorar?

O filho — Foi o professor que me castigou por não saber onde estava a Macedónia.

O pai — E comprei-te eu uma mala para tu não perderes nada!

— Quando você vai tarde para casa, o que lhe diz a sua mulher?

— Mas eu não sou casado.

— Então, se não é casado, porque é que vai tarde para casa?

O pescador — Lino Ferreira.

— Quantos feijões tenho aqui dentro da mão?

— Tens um.

— Não.

— Tens dois.

— Não.

— Tens três.

— Não.

— Tens quatro.

— Não.

— Tens cinco.

— Tu viste!

Um surdo vai consultar um médico especialista:

— Quanto lhe devo doutor?

— Trinta escudos.

— Quarenta?

— Cinquenta!

Num concerto sinfónico:

— Que maravilha de música moderna!

— Qual?

— A que estão tocando.

— Mas êles, por enquanto, estão afinando os instrumentos...

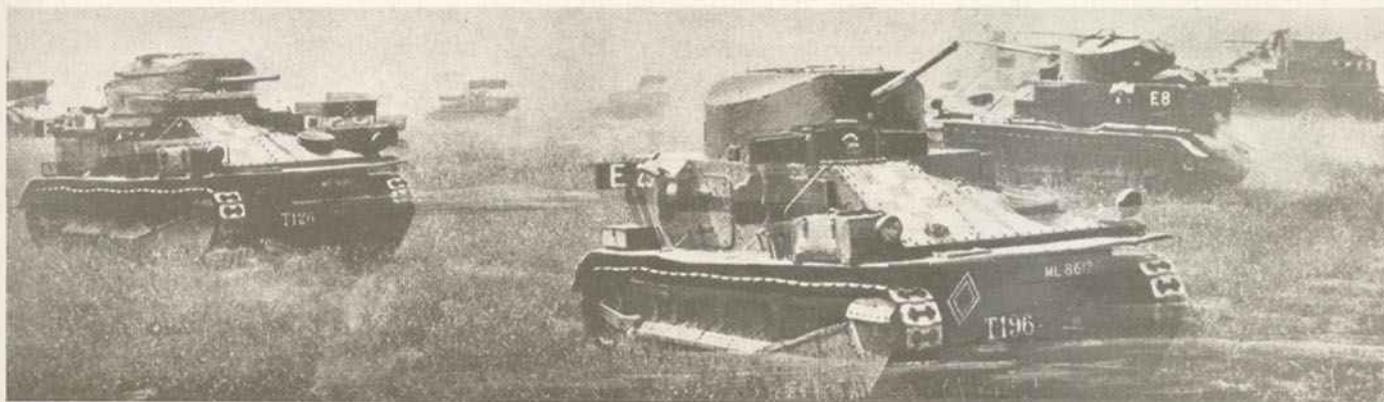
— Este ano, nas praias, não consentiam o uso dos fatos de banho sem as alças pelos ombros.

— Pois sim, mas consentiam o uso das alças sem o fato de banho...

— Ó papá, porque é que as espadas dos oficiais de cavalaria são curvas?

— Porque as bainhas são curvas e se as espadas fossem direitas não podiam entrar.

Pediram a um dramaturgo célebre para escrever uma tragédia em meia



EXISTIRÁ o perigo duma nova guerra? Eis a pergunta angustiosa

que hoje surge ante o espírito inquieto do Mundo inteiro.

Na verdade, a paz reina na Europa, consolidada por um sem número de tratados, de pactos, de não-agressão, de convênios, de "ententes," e de alianças.

Mas, por outro lado, nunca essa paz esteve tão carregada de ameaças, perigos e desconfianças. Nem mesmo, talvez, nos anos agitados que precederam 1914.

Ora este receio duma conflagração que atormenta o Mundo constitue, só por si, um perigoso factor susceptível de desencadear conflitos. No seu terror, os povos armam-se, acumulam novos meios de destruição, preparam-se para a catástrofe. Uma parte enorme da riqueza humana é canalizada para fins militares, e subtraída, portanto, à troca normal de valores. Desta corrida, mais ou menos disfarçada, aos armamentos, resulta um mal-estar geral a que podem sobrevir as mais graves conseqüências. As possibilidades de guerra acham-se assim desmedidamente acrescidas. E o mesmo acontece aos perigos que um novo conflito representaria para a civilização os quais aumentam com a progressão dos armamentos.

O futuro é, pois, sombrio e os mais optimistas não o ignoram. O espectro duma nova guerra persiste em pairar sobre o Mundo inquieto.

VISÃO APOCALÍPTICA

de 1914-18 já deixara entrever o importante papel que à aviação cumpria

desempenhar em caso dum conflito. Mas o progresso técnico da Aeronáutica alargou dum modo excepcional esses

A guerra de amanhã

vista por um aviador alemão, no livro

"A destruição de Paris em 1936"

Em que consistiria essa nova guerra? A que novos processos de destruição recorreria o génio humano dominado pela ânsia de se aniquilar?

Variam as respostas a estas perguntas. Numa cousa, porém, todos os técnicos e todos os profetas se encontram de acordo: a arma dominante na futura guerra será a aviação.

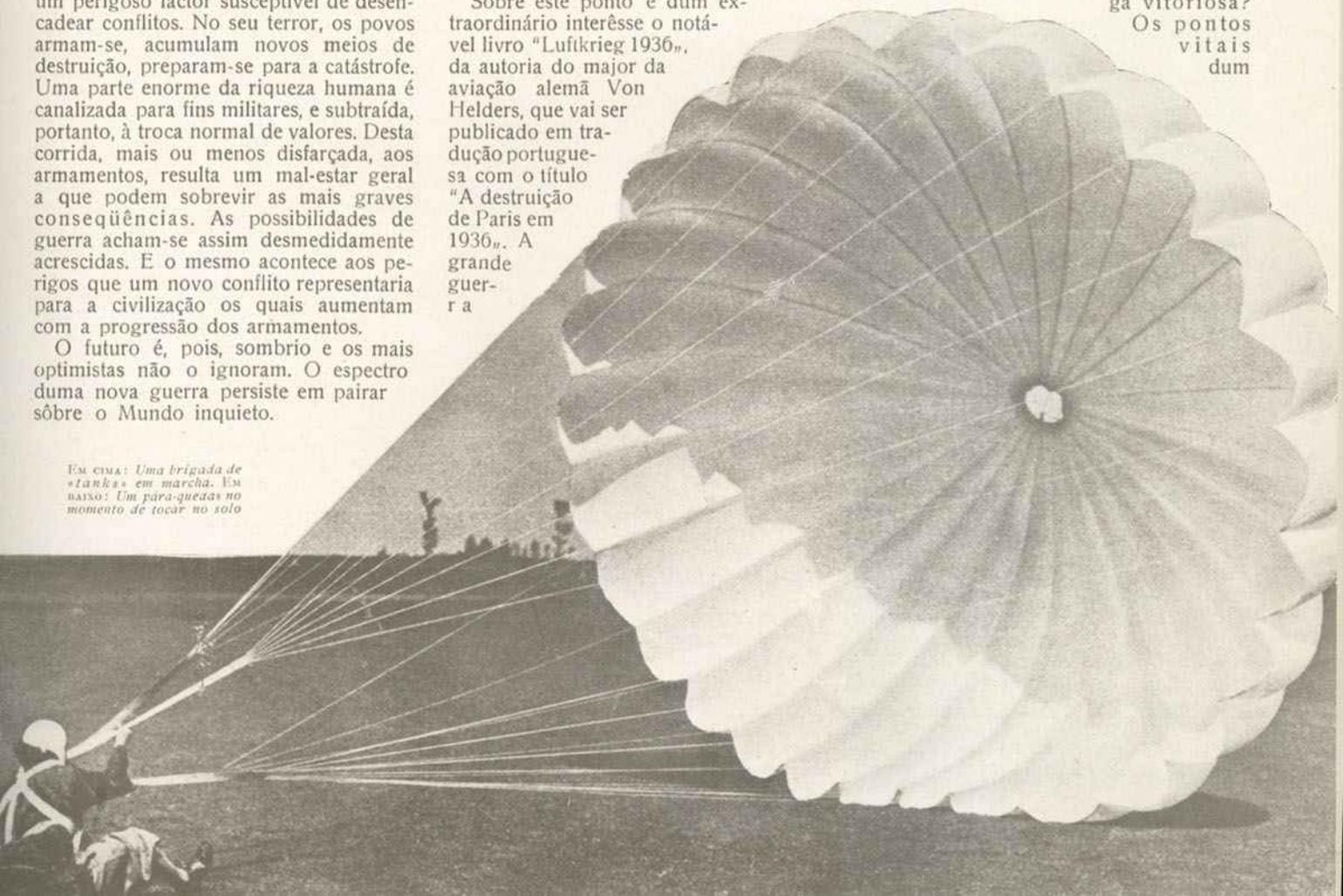
Sobre este ponto é dum extraordinário interesse o notável livro "Luftkrieg 1936", da autoria do major da aviação alemã Von Helden, que vai ser publicado em tradução portuguesa com o título "A destruição de Paris em 1936". A grande guerra

recursos e modificou totalmente a estratégia da luta nos ares.

Tão importantes foram essas modificações que o predomínio do ar se tornou mais necessário às grandes potências do que outrora o predomínio dos mares. De que vale, na verdade, o exército mais poderoso e bem equipado, ante uma esquadra aérea inimiga vitoriosa?

Os pontos vitais dum

EM CIMA: Uma brigada de «Tanks» em marcha. EM BAIXO: Um para-queadas no momento de tocar no solo



país podem ser destruídos por um bombardeamento que inutilize a óstima mais bem conduzida. Toda a mobilização e deslocação de tropas podem ser impedidas pela destruição das vias férreas. Os grandes "raids" destinados a lançar o plano entre as populações civis convergiam a "vontade" dum povo. Em resumo, nas condições presentes uma guerra conduzida exclusivamente por via aérea tem possibilidades de triunfar.

Eis o que pretendo demonstrar no seu curioso livro o major-aviador Von Helder. "A destruição de Paris em 1936, não é por isso uma obra de fantasia, mas sim uma visão da guerra futura baseada nos sólidos conhecimentos científicos da "arte da guerra". Constitui ainda por outro lado um terrível aviso lido à França, em que não é difícil advinhar todo o despejo e láz de "revanche" dum vencido de 1918.

E pois um livro que todos os amigos da França vão ler com inquietação e que, dum certo modo, responde à tremenda pergunta:

Como será a guerra que ameaça aniquilar a Civilização?

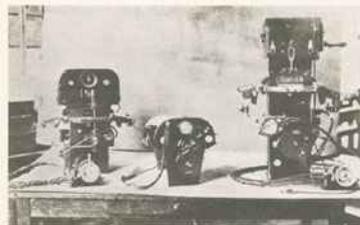
O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO LIVRO DE VON HELDERS

Bassou-se o autor de "A destruição de Paris em 1936, num possível conflito entre a França e a Inglaterra, aérea da questão espíca. A este respeito uma alta individualidade militar francesa que prefere o livro escreve:

"Para melhor compreender esta obra é necessário que o leitor faça determinadas

isso apenas ao facto de se encontrar ligada por tratadas que lhe seria preciso violar abertamente.

Ao imaginar esta visão da futura guerra, Von Helder opôs a Inglaterra à França. Porquê? A resposta é fácil. Embora à primeira vista o não pareça, existe uma certa similitude entre a situação da Inglaterra e a da Alemanha. Ambas têm o seu exército territorial reduzido ao mínimo e em manifesta inferioridade perante a França. Nenhuma delas poderia, portanto, encargar a hipótese duma invasão do território inimigo e teriam até, pelo contrário, a recer-la. Resta o caso do predomínio naval. A superioridade da França sobre a Alemanha é também, neste caso, evidente. Não se dá o mesmo porém, com a Inglaterra, e para ocorrer a esse facto o autor coloca o grosso da esquadra britânica no Mediterrâneo, o que assegura à França o predomínio do Canal da Mancha e lhe permite realizar o desembarque das suas tropas em território inglês.



Um novo método de guerra de inteligência e comunicação aérea

transposições. É preciso corrigir — como em aviação — a bússola: é em vez da agulha apontar a linha Norte-Leste deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra inglesa "leia-se" em todo o texto Alemãmba—

Feita esta transposição o sentido do livro de Von Helder torna-se transparente. Ninguém ignora que a Alemanha aspira ao domínio do Ar e que reúne para isso excepcionais condições. A supremacia de sua indústria aeronáutica é inofusável. E se de facto, ela não possui ainda uma poderosa esquadra aérea deve-se

ra voltar de novo a soprar sobre o Mundo.

Vejamos agora em que consistiria a terrível arma aérea capaz de reduzir uma capital a um montão de ruínas, de decidir a sorte de batalhas navais, e de assegurar ao país que a manejasse uma vitória humilhante.

O QUE É UMA ESQUADRA AÉREA

A técnica aeronáutica tem-se modificado, como ar dissemos, e essa modificação é tão sobretudo sensível na avia-



Um novo método de guerra de inteligência e comunicação aérea

ção de bombardeamento. Durante a guerra de 1914-18 os "raids" de bombardeamento lançados da palavra "gigante", acarelhos de 24 sempre de noite. Os aviões pesados e distantes armados de metralhadoras e obuses, fraca velocidade só a coberto da escuridão das noites, lançando em formações de esquadilhas e podiam executar a sua sinistra missão, sem apanha o perigo de ser abatidos pela artilharia.

Mas os aperfeiçoamentos introduzidos nestas condições no campo das possibilidades actuais de lançamento, vinte e quatro toneladas não é de bombardeamento diurnos. Como se compreenda, num péso excepcional se atendermos a que o valor militar destes é muito maior. Só se conseguem lançar aparelhos de quarenta e cinco toneladas, destinadas, em aparência, para fins comerciais, como o DO-X e o Junker Y-38. Mesmo entre os tipos correntes de bombardeamento, alguns como o último modelo inglês, oferecem características que bastam se aproximam das dos supracitados aviões (1, podendo transportar 1600 quilos de explosivos a uma distância de 500 quilómetros, a velocidade de 250 quilómetros por hora e a uma altitude máxima de 6.000 metros).

O que constitui, porém, a superioridade desses aparelhos britânicos e os toros livelmerleva aos ataques da aviação francesa, é o seu poderoso armamento que lhes permite estabelecer um intenso fogo de barragem contra o qual as metralhadoras dos aviões de caça, apesar da sua grande mobi-



Um novo método de guerra de inteligência e comunicação aérea

lidade, resultam impotentes.

Por outro lado, a metódica formação em esquadilhas e a evolução estratégica em combate dão a esta esquadra aérea enormes vantagens. Ora isto só é possível porque nestes aviões gigantes cada homem da tripulação tem uma função definida, podendo abstrair, para a executar, do que à sua volta se passa. É o contrário do que sucede no pequeno avião em que o mesmo homem tem de atender uma infinidade de manobras, como sejam pilotar, fazer fogo, e lançar bombas, não podendo portanto seguir as evoluções estratégicas da esquadilha como rigor que seria necessário.

Ficam assim definidas, com autoridade, por um competente técnico alemão, as condições a que deverá obedecer a constituição das futuras esquadras aéreas.

A MARINHA DE GUERRA À MERCÉ DA AVIAÇÃO DE BOMBARDEAMENTO

Esta arma terrível que é uma esquadra

a missão dos aparelhos de bombardeamento é excepcionalmente difícil porque a forma alongada dos navios de guerra e as suas evoluções sobre as águas os tornam alvos difíceis de atingir a uma altitude de cinco mil metros pelo menos.

Em todo o caso, o que se pode assegurar é que a intervenção duma esquadra aérea pode decidir a sorte duma batalha naval e que as mais poderosas unidades de marinha estão longe de serem invulneráveis perante os ataques gigantescos pássaros mecânicos que espalham a morte e a destruição por toda a parte.

É isto mais evidência o papel preponderante que está reservado à aviação no caso duma nova conflagração.

A EVOLUÇÃO DOS EXÉRCITOS

Também a tática dos exércitos sofreu profunda modificação, em parte devido ao progresso da aviação.

A rapidez na deslocação das forças terrestres assumiu capital importância. E para isso recorre-se à motorização do exército. Baterias de artilharia são hoje deslocadas por camiões, divisões inteiras do exército avançam para a frente sobre veículos rápidos, brigadas de carros de assalto ocorrem instantaneamente grandes extensões de território. A futura guerra far-se-á por isso sob o signo da velocidade.

Contra esse perigo, uma única arma se pode opor: a aviação. E aqui mesmo a sua superioridade é manifesta. Tudo o avanço pode ser inutilizado em poucos momentos por uma intervenção

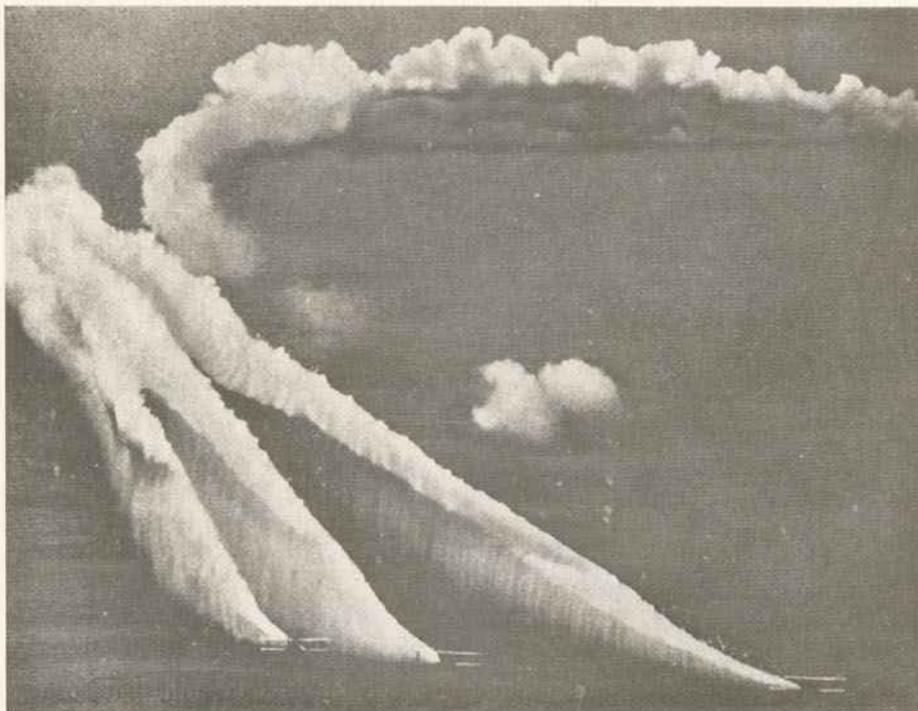


Um novo método de guerra de inteligência e comunicação aérea

aérea eficaz. É o que Von Helder pretende demonstrar no seu extraordinário livro.

Por outro lado, "A destruição de Paris em 1936, revela-nos a complexa organização dum desembarque francês em Inglaterra em que os mais imprevisíveis e emocionantes actos de guerra têm lugar. Para conseguir pôr em prática o seu admirável plano, as forças francesas são divididas em tropas de destruição, de assalto, e de desembarque. As primeiras são lançadas durante a noite em esquadras, no interior da Inglaterra ador-

Deve notar-se também que neste caso



Aviões lançando cortinas de fumo

meçada. A sua missão é cortar as vias de comunicação, dinamitando as linhas férreas e os postes telegráficos e resistindo depois até à chegada de reforços. Quanto às tropas de assalto desembarcam de surpresa de aviões de transporte num campo de aviação inglês, começando a atacar pela retaguarda a defesa costeira da Inglaterra. Finalmente, as tropas de desembarque penetram no território inglês pelos pontos mais vulneráveis da costa, a coberto do fogo dos contra-torpedeiros e vão atacar por terra os núcleos de resistência de defesa. Tudo isto se efectua com surpreendente rapidez graças à motorização do exército que a França soube realizar com admirável perfeição.

Esmagado pela superioridade numérica e material do adversário, os ingleses estão a ponto de sucumbir quando um terrível bombardeamento sobre as linhas francesas vem mudar a face à situação impondo ao exército de desembarque francês a rendição pura e simples.

A SITUAÇÃO DA FRANÇA

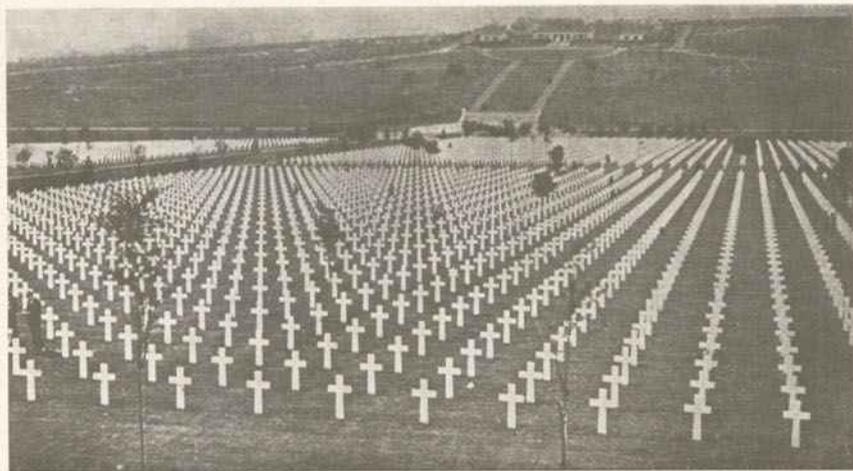
O que há de mais notável neste livro é o encadeamento implacável e lógico de todos os episódios que constituem a sua empolgante acção. Mas é também como uma prevenção feita ao Mundo inteiro, e em especial à França, que convém apreciá-lo.

Rodeada de peri-

gos vizinhos, a França tem dedicado à sua defesa especiais cuidados. O seu Exército é superior, de longe, a qualquer outro da Europa. A sua fronteira de leste é hoje formada por uma poderosa linha de fortificações que bastam para garantir a sua integridade territorial.

Contudo, por um fenómeno difficilmente explicável, a França tem descurado a sua aviação. Assim, ao passo que ela possui apenas 290 aviões de bombardeamento a Itália possui 525. Por seu lado a Alemanha, não tendo embora aviação militar dispõe de 1.100 aviões civis, muitos dos quais após ligeiras modificações podem tornar-se perigosas armas de guerra. A casa "Junkers", no catálogo dos seus produtos que envia aos países estrangeiros, não deixa de frisar essa circunstância salientando a vantagem que ela representa.

Por outro lado, a superioridade da in-



O ecilogo de lólas as guerras

dústria de construção aeronautica alemã também se faz sentir. O último modelo de avião de caça atinge a altitude de 11.000 metros e desloca-se a uma velocidade média de 360 quilómetros por hora. O tempo gasto na subida a 5.000 metros é apenas de 7 minutos e meio. Quanto ao modelo francês mais aproximado, a sua força ascensional só vai a 10.000 metros gastando nove minutos na subida a 5.000 metros. Estas diferenças que não se podem considerar importantes, representam, contudo, na hipótese dum combate aéreo uma grave desvantagem para a França.

Está já sobejamente repetido que a futura guerra — que muitos supõem inevitável — será uma guerra aérea. O extraordinário livro que é "A destruição de Paris em 1936", dá-nos dessa hipotética catástrofe uma visão grandiosa e terrível em que a fantasia se baseia nos mais modernos conhecimentos científicos.

Ora, precisamente para afastar esse perigo terrível acha-se actualmente reunida em Génèbra uma Conferência Internacional em que os grandes diplomatas de todos os países se engenam em encontrar uma fórmula que permita, dentro da desconfiança geral, levar ao desarmamento progressivo de tódas as potências. É árdua a tarefa e por isso mesmo bem fracos os resultados colhidos até hoje. Dir-se-ia que todos os povos aí comparecem divididos, não a abandonar os seus armamentos, mas sim a encontrar modo de reduzir as forças militares alheias. Dêste estado de espírito colectivo resulta o ambiente estéril da assembleia de Génèbra onde as boas vontades — «se as há» — esbarram contra a desconfiança geral.

A Alemanha, que durante algum tempo sofreu em silêncio as restrições impostas pelo Tratado de Versalhes, reclama agora, alto e bom som, a paridade de armamentos. É especialmente em matéria de aviação que essas reclamações mais se fazem sentir. Os famosos "raids" de aviões misteriosos sobre Berlim não passaram de expedientes ingénuos que pretendiam justificar a pretensão germânica de possuir uma defesa aérea.

Por quanto tempo conservará a Conferência do Desarmamento o prestígio necessário para se opôr a essas perigosas pretensões da Alemanha? Eis o que é difícil dizer. Mas no dia em que esta recuperar a liberdade e procurar rearmar-se, a França não quererá ficar-lhe atrás na defesa da sua segurança. Seguir-se-á a «corrida aos armamentos» e daí à guerra vai um passo que se pode dar involuntariamente.

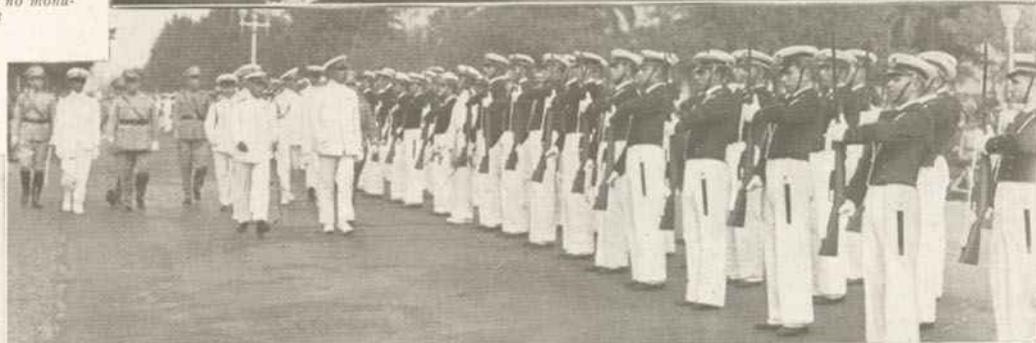
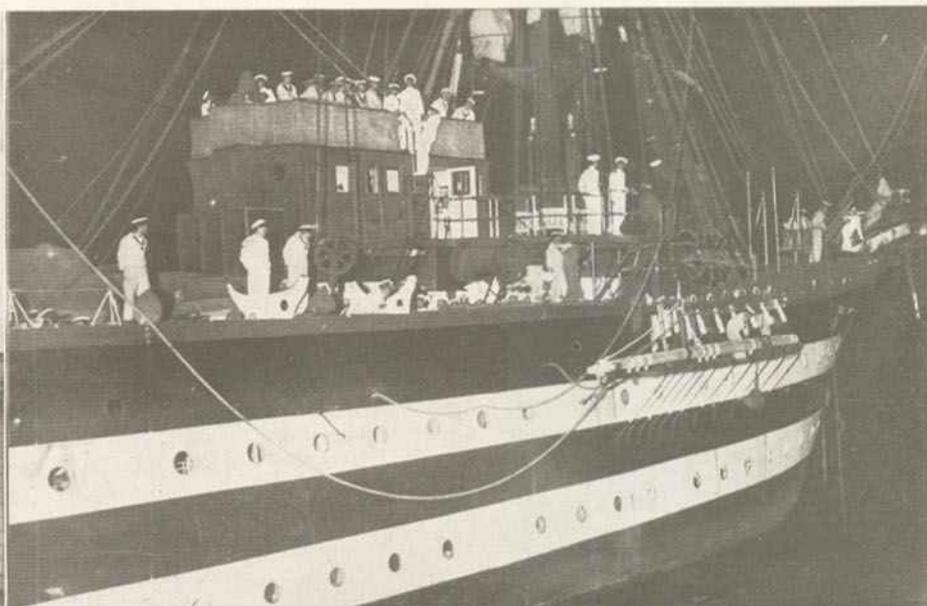
ESTIVERAM NO TEJO

DOIS BARCOS-ESCOLAS DA ARMADA ITALIANA



EM CIMA: O almirante Bernotti — comandante da divisão naval italiana — depois um ramo de flores no monumento aos mortos da Grande Guerra

EM BAIXO, à direita: Depois da cerimonia a oficialidade italiana, acompanhada de alguns oficiais portugueses, passou revista às forças que se encontravam em formação. À esquerda — A continência em frente do monumento



EM CIMA: Momento em que atracava à doca de Alcântara o navio-escola «Cristoforo Colombo», que com o «Americo Vespucci» estão realizando uma viagem de instrução dos alunos da Academia Naval Luliana, em número de duzentos, dos quais catorze são peras. Entraram o Tejo, com o auxílio dos motores, se bem que tivessem feito, à vela, a viagem tódia, pelo norte de África, Canárias, Bermudas, América do Norte e Açores.

NO CENTRO: A assistência ao almoço, na legação de Itália, oferecido pelo respectivo ministro sr. Tuuri. A meio, vêem-se, entre outros, os srs. dr. Augusto de Castro, ministro de Portugal em Roma, general Silva Basto chefe do estado maior do exército, almirante Luis da Câmara, representante do ministro da marinha, governador militar de Lisboa, etc., etc.



Johannesburgo — a terra do ouro, da tostação, do céu — onde se lava e não se vence

QUATRO horas. Plena montanha. Um vento glacial sopra do sul numa velocidade espantosa deixando atrás de si a natureza a vibrar encolhida de medo e de frio.

Pelos trilhos que vão dar às povoações amenizadas pela arrogância das montanhas nem um só viandante. Os caminhos desérticos. Dir-se-ia que a humanidade, naquele lugar, tocada por um pavor de feras, se refugiara nos casebres, abandonando os caminhos que vão dar a outros caminhos e a toda a parte.

Só um murmurio de ramagem batida pelo vento e o gemido dos troncos do arvoredo, lembrando uma "ladainha barbara de padres", irrompe, como um queixume, daquela natureza toda açoitada asperamente. Nem um pio de ave, nem um palpite de azas.

Lá ao longe, na meia encosta da serra pedregosa e quasi solitária que se ergue na minha frente enorme, sem forma definida, agrésse, alveja, numa humildade pastoril — a escola — monumento simbólico de grandeza e de perfeição.



O chamado "vill metal"

Dêntro do meu quarto o "cucuo", como que transido de frio, recólhe, á sua casinha, depois de ter vindo cá fóra repetir as cinco horas da tarde.

Torno a olhar a natureza, e para além, em baixo, já na planície, onde as plantações são verdes tapetes desbotados pela geada, a cobrir o sólo, a brancura das casitas dispersas, sem estética nem ordem, como os cogumelos nascem ao acaso, põe, misturada com a cor de chumbo do céu, uma nota lívida, gelada, indicando os primeiros sinais do inverno que se aproxima rigoroso.

As folhas anémicas desprendem-se já mortas dos troncos das arvores que não tardam descarnados, erguendo-se, como braços miseráveis e suplicantes, para o infinito, em atitudes doloridas, pedindo a clemência Divina.

A vibração dum sino perdeu-se pelas quebradas como um balido dolente de ovelhinha perdida.

É a hora em que, justamente, as ovelhas recólhem ao rédil, guiadas pelo pastor. E o mestre-escóla manda recolher, também, a casa, os seus alunos.

Momentos depois, como formigueiro enorme, as crianças, aparecem cá fóra, dispersam-se, algumas de largo chapéu de palha já esburacado a encher-lhes de sombra a face queimada pelo ar, passam a pouca distancia do meu quarto. E embora, indistintamente, ouço uma canção "boer", uma canção avoenga, que os pais vão ensinando aos filhos, triste balada, recordando os tempos da liberdade, ora cativa...

Lembram-me alsasianos cantando o seu hino, o hino que mais tarde, ao rufo de tambores, anunciou novamente, a liberdade!

— Que tristeza é o ser proscrito na sua propria terra!...

Vão pelos caminhos, leves como pombas, esfregando as mãositax arroxeadas, coladas umas ás outras, trauteando contentes a canção que animou, num esforço desesperado de defeza, o povo "boer", na guerra de exterminio que a Inglaterra lhe fez em 1890!

A tarde agoniza numa palidez mortal. Uma tênue claridade perturba já a visão. As imagens confundem-se com as trevas. Só há claridade e calor dentro do meu quarto. Tenho a alma fria. Sinto a pena a emperrar-se. E no fogão, dos tóros de pinheiros que há pouco crepitavam não restam senão cinzas que o vento leva e desfaz pelo espaço — como a vida, como a liberdade, como tudo que tem um fim, para se embrenhar, depois, numa outra vida, numa vida superior, num anseio de libertação maior, mais ativo, mais nobre — a morte!

Naquela manhã o ar estava menos áspero. Nas montanhas, áquela hora, o sol, ainda mal acordado, punha, nos cumes mais eriçados, quasi a romperem o céu, reflexos dum prateado baço; e das saliências mais agudas das pedras, irradiavam, como dum brilhante facetado exposto á luz, luminosidades agressivas que

AFRICA DO SUL

A cidade de Johannesburgo onde o homem arranca do solo o "vil metal" porque a humanidade se bate

os olhos não podiam fixar. Era a hora do degelo. E, na brancura as iminencias mais elevadas pareciam, como sujeitos á primeira limpeza fisica da manlã,



Manã a Gera pòs de profundidade, onde os homens trabalham, longe do sol e do ar...

cabecas humanas cheias de espuma de sabão...

O "cucuo", um pouco mais satisfeito do que na noite anterior, indiscreto, veio encontrar-me na cama ás oito horas da manlã.

Ergui-me rápido, e, meia hora depois — rodando para a cidade que alvejava, ao longe, num caótico impressionante — o ruído desconjuntado dum automóvel velho confundia o meu bater de queixos...

"Rosenbank", "Park Town", "Zoo", "Kazerne", tudo ia ficando para traz, como se na minha frente corresse maravilhoso filme cinematográfico.

As nove e meia, quando a paisagem atraente dos arredores era, ao longe, uma extensa faixa a traçar de verde o azul claro do horizonte, entrámos na cidade,



Aspecto da «cidade do ouro»

obedecendo como a um "policeman", ao poste de sinais. E no meio daquela confusão bruta de quarenta mil veículos em trânsito, sem poder fixar qualquer coisa



Vigor e progresso — ouro... e miséria! A cidade da promessa e de lã... nas profundezas do sólo

em movimento, como nas sobreposições duma película, eu senti as perturbações dos grandes meios e a sensação que experimenta o aldeão quando vem á cidade...

As duas da tarde, depois de almoçar, dei, por Johannesburgo, algumas voltas. Como um saloio, não admirando, mas naquela atitude indecisa de quem não conhece o meio, e que, parece caminhar ás apalpadelas, sem saber para onde, ao acaso, eu, naturalmente, fui tido como um indivíduo suspeito...

As "girls", os "boys", tudo emfim, parecia oitiar-me de raspão e desconfiado. Então, comeei a sentir aquele mal estar ou receio que invade qualquer homem



O palácio da Câmara Municipal

perigoso; e como se estivesse comprometido em negócio ilícito, tentei disfarçar o meu flagrante embaraço.

Respirei fundo, quando me soou, aos ouvidos, meio surdos de tanto ruído e frases que eu não percebera, a tranquilisadora palavra — "stranger."

Observando a atitude daquela cidade, feita pela ouro das minas é á custa, principalmente, de milhares de homens, hoje arruinados por uma doença incurável, adquirida nas profundezas do sólo, notei muita miséria, uma miséria cruel e escusada. E na retina ficaram, como impressas na sensibilidade da gelatina duma chapa fotográfica, as imagens que me não são difíceis pintar, embora na pobreza dumas frases pouco rendilhadas.

Na valeta do passeio, como farrapo, já sem utilidade, deitado á rua, um homem gasto mais pelo sofrimento do que pela idade, cego, andrajoso e triste, com o chapéu pousado no chão onde, raramente, caía uma moeda de prata ou de cobre, arrancava, ao seu "stradivarius", — feito dum pedaço de madeira, duma lata de gazolina vazia e duma corda musical bem esticada — um som vibrante de tragédia e de choro. Mas de tanto ouvirem aqueles lamentos incompreensíveis e impressionantes que o violino dispersava pelo espaço, o pobre miserável deixou de ser notado, ficou ali, tão escondido, tão envolvido em trevas, como se sóbre ele caísse a escuridão dos seus olhos mortos...

A sua dor, a sua mágua, a sua revolta toda interior, só lhe a poderia compreender, só lhe a poderia escutar...

Outra vítima do Destino, para quem a vida não tinha tentações nem desejos, horrivelmente deformada, também sóbre a mesma valeta, tocando no seu "harmonium" músicas duma melancolia extrema, espera, da gente que passa mais feliz, uma moeda para comprar o pão que a sociedade lhe cerceia criminosamente...

Uns pobres esfarrapados, com cara de fome, febris, vagabundeiam por um lado e por outro — sem preocupações, porque a necessidade lhes fez perder a noção da dor e o interesse pela vida e pelas coisas — na incerteza de dormirem, á noite, debaixo dalgum telheiro apodrecido ou entre a humidade de qualquer prisão sombria, sem ter comido ou satisfeito as exigências do estomago com algum pedaço de pão roubado no primeiro estabelecimento da esquina.

Rapazes brancos, ainda por instruir, por falta de recursos dos pais, passam correndo, a vender jornais, misturados com pretos que, em Lourenço Marques, eram, apenas, simples muleques.

Engraxadores, também brancos, num olhar que toca fundo a sensibilidade da alma pedem, mudos, que se lhes dêem a oportunidade de ganhar alguns "pences", para no mais miserimo hotel enganar o estomago que estala de fome.

Para além da cidade que come bem, que dorme bem, que ri, há bairros miseráveis que mostram, claramente, a infe-



O monumento aos mortos da grande guerra — unico tributo que se presta ao homem que lá está

rioridade de sentimentos que transpira daquela grandeza óca, sem esforço, sem motivos para orgulhos, onde as crianças, na inundicie das casas acachapadas, sem ar, sem luz, medram, com dificuldade, amarelas e raquíticas.

E no mercado, não sei se por ironia do Destino, se por ganância dos homens, deita-se ao lixo, apodrecido, alimento suficiente que daria para matar a fome aos estiolados que erram do outro lado, vítimas duma diferença torpe, mais ignóbil do que aquela com que as mulheres costumam distinguir os filhos dos enteados...

Na palida luz crepuscular, a cidade enorme, feita sem um esforço digno de nota, sem causar espanto, porque custou, apenas, a vida do pobre indígena, embriagado pela tentação tóla de meia dúzia de "shillings", parece emergir-se na confusão do pó diabólico e mortífero que o vento levanta nas minas abertas em seu redor — seiva única da sua existência...

Johannesburgo, 1933.

Rodrigues Júnior.



O edificio da Balsa

CINEMA

LONDRES — NOVO
HOLLYWOOD EUROPEU

CELEBROU-SE há pouco tempo em Inglaterra a «Semana do Cinema» destinada a chamar a atenção do público, dos capitalistas e do Estado para os progressos realizados pela indústria britânica de cinematografia no decorrer dos últimos anos.

Nos tempos que precederam a guerra o cinema inglês conheceu uma relativa prosperidade. Mais tarde, porém, a sua decadência começou a acentuar-se e o mercado inglês ficou dependente de Hollywood. A América do Norte não só impunha a sua produção, de qualidade superior, como ainda arrebatava ao cinema inglês os verdadeiros valores com que ele poderia contar para conseguir resultados apreciáveis. Grande número de artistas, como Lewis Stone, Mary Dressler, George Arliss, Ronald Colman, e acima de todos, Charlie Chaplin, foram dêste modo atraídos à América, privando a indústria inglesa do seu concurso. Londres, por sua parte, não podia competir com Hollywood porque o limitado desenvolvimento da indústria não lhe permitia oferecer aos artistas ordenados tão importantes.

Esta supremacia do cinema norte-americano era duplamente prejudicial à Inglaterra. Por uma parte, ela prejudicava a sua balança comercial porque a obrigava a importar um volume considerável de filmes. Por outra, atingia o seu património intelectual, visto que o cultivo da língua inglesa no *cinema* ficava quasi em exclusivo reservado aos americanos. Baseados no inteligente princípio, firmemente mantido, de que Lon-

dres podia competir com qualquer outro centro de produção cinematográfica tanto em riqueza literária, como em sensibilidade artística, em paisagem ou em motivos pitorescos, os industriais ingleses deitaram-se corajosamente à obra de fazer ressurgir o cinema britânico.

E agora, decorridos pouco mais ou menos dois anos sobre o início dêste movimento em favor do cinema inglês, os resultados obtidos provam já que o seu êxito é certo, e que Elstree — local nos arredores de Londres onde estão reunidos os maiores estúdios — está a caminho de ser o Hollywood europeu, designação a que Paris e a «Riviera» francesa largo tempo aspiraram.

Para fazer-se uma ideia do desenvolvimento tomado pela indústria britânica basta dizer-se que as três principais empresas, a «Gaumont British», a «British and Dominion» e a «British International», movimentam um capital equivalente a dois milhões de contos da nossa moeda. Só os estúdios que a primeira destas empresas há pouco mandou construir custaram cerca de 50.000 contos e consideram-se dos mais aperfeiçoados e completos da Europa. Em face dêste progresso, a indústria cinematográfica ocupa hoje o quarto ou quinto lugar na escala das maiores actividades industriais da Inglaterra.

Uma importante contribuição para o desenvolvimento da indústria inglesa foi dado pelo lendário Douglas Fairbanks que, de colaboração com seu filho, acaba de fundar em Londres uma grande empresa nos moldes da «United Artists» americana, de que ele é um dos membros fundadores.

Douglas, só á sua parte, propõe-se fazer de Londres um novo Hollywood — mais ainda, ultrapassar a grande cidade dos filmes, deslocando para a Europa o eixo da produção cinematográfica mundial. Para êsse fim, dispõe de um milhão de libras por ano que se-



A linda Claudette Colbert, a melhor representante da França no cinema norte-americano

rão empregadas na realização de grandes filmes. O famoso artista declara que só excepcionalmente tomará parte nesses filmes, visto que é sua intenção ser apenas realizador.

A primeira produção da nova empresa será baseada na vida do czar Pedro III e de Catarina da Rússia. Douglas Júnior fará o papel do czar e a actriz inglesa Elizabeth Bergner o da imperatriz.

Apesar da sua resolução de só acidentalmente tomar parte nestas produções, Douglas interpretará os principais papeis no segundo e no terceiro filme projectados, que são «Exit Don Juan» e outro baseado nas aventuras do Zorro em que pela primeira vez Douglas Júnior se exhibirá a seu lado no *cinema*.

Para ser bem sucedido no seu empreendimento, Douglas propõe-se agora atrair a Londres os grandes actores ingleses do cinema como Leslie Howard, Ronald Colman, Clive Brook, Charles Laughton e, possivelmente, Charlott.

Além disso, Douglas pretende ainda obter o concurso dos grandes realizadores europeus como René Clair. Embora nada esteja assente sobre a caso, não é contudo impossível que o grande artista francês chegue a acordo com o novo magnate do cinema e venha a dar a sua preciosa colaboração aos ambiciosos projectos da nova empresa.

Técnicamente, Elstree acha-se apetrechado de forma a poder competir com os grandes estúdios californianos. Os seus laboratórios têm enorme capacidade de produção. Só um dêles pode preparar mais de 600.000 metros de película por semana. Um dos mais importantes estúdios possui dezassete máquinas por meio das quais se podem revelar trezentos metros de filme por minuto.

É de prever, pois, que o cinema britânico tenha perante si um belo futuro.

Judith Allen um dos sorrisos mais espirituais do elenco da Paramount



CINEMA

ÚLTIMAS ESTREIAS

O São Luís Cine deu-nos o primeiro espectáculo de boa arte desta temporada com o filme «A feira da Vida», tradução feliz do título original «State Fair».

A melhor qualidade desta obra excepcional do cinema norte-americano é a continuidade da sua acção. Tudo se passa de facto durante a vida efémera e brilhante duma feira de província. Na vida monótona dos agricultores essa feira é a realização de muitos sonhos, a satisfação de muitos desejos, ou o derruir de muitas ilusões. Por isso a feira constitui um fascinante torvelinho de modestas ambições e ingénuas fantasias.

Além desta continuidade de acção que é pedra de toque dos bons filmes, tem ainda esta obra de Henry King um delicioso carácter de realidade suave que não exclue romantismo. Tudo se passa como na vida, com simplicidade, sem artifício. Mas uma poesia delicada exalta os mais ínfimos pormenores, dá-lhes beleza e encanto.

Ninguém melhor para interpretar o espírito deste filme que a admirável artista que é Janet Gaynor. A sua criação resume toda a obra. É sua a simplicidade nimbada de poesia que dimana de cada cena, de cada imagem. Ela sintetiza a feira e, contudo, outras aventuras correm paralelas à sua através do filme.

Will Rogers tem uma criação inesquecível. É um actor extraordinário que conhece como nenhum outro as subtilezas dum espírito yankee mediano. A sua naturalidade é insuperável, e a paixão pelo «Blue boy», absolutamente convincente.

Lew Agres destaca-se entre os restantes. O soldado de «A oeste nada de vovó», demonstra ser hoje um galã de primeira categoria.

Digna de nota também é a interpretação de Louise Dresser, cheia de fantasia e naturalidade.

Só num ponto a acção deste filme se arrasta confusa e pouco acessível ao nosso temperamento. É quando Janet visita a casa do seu recente conhecimento, o simpático *reporter* Pat, e com ele discorre sobre o futuro do afecto que os prende. As subtilezas psicológicas que o autor pretendeu condensar nessa cena escapam ao espectador, forçado a seguir o desenvolvimento da acção por intermédio das legendas.

Além disto, a composição das legendas é nitidamente má. Por vezes são excessivamente prolixas, outras demasiado lacónicas. Não contando com as vezes em que nos dão uma tradução sensivelmente errada.

Antes deste filme exibiu-se no mesmo cinema «Terra Abrasadora». É um filme que nos surpreende por ser de Victor Fleming, o realizador de «A tortura da Carne», de quem seria,

portanto, lógico esperar obra de maior valia.

A acção é monótona, arrastada, desprovida de interesse. Só o desempenho é bom. Clark Gable tem um papel de singular vigor a que ele imprime uma rudeza viril e primitiva que, ao que parece, é vogã dominante entre os galãs da tela. Jean Harlow está dentro da figura que lhe convém. Conვენce-nos de que não representa e de que deve ser assim, com todos os vícios e virtudes, na vida real.

Finalmente, o Tivoli fez a sua anunciada estreia com o filme «Se eu tivesse um milhão» que constitui uma das mais originais obras do cinema americano dos últimos tempos.

Esperávamos com curiosidade este filme em cuja realização tomaram parte sete notáveis encenadores, entre os quais Ernest Lubitsch e James Cruze. Muito contribuíam também para espicaçar essa curiosidade o argumento em que se baseava a sua acção.

A execução desta película tal como



Uma «gracinha» de Toby Wing, a última revelação do mundo anónimo das «extras»

nos fôra anunciada só oferecia um risco — a de vir a constituir uma obra fragmentada, sem equilíbrio. Mas era difícil evitá-lo e foi isso afinal que aconteceu.

Há trechos excelentes no filme, e o conjunto não é destituído de interesse. O desequilíbrio, porém, está no modo como a tragédia alterna com a farsa mais vulgar. E nota-se também na ausência dum estilo uniforme.

A realização de alguns episódios é curiosa. O do empregado de escritório, original, embora grosseiro. Outro, do empregado do armazém de porcelanas antigas, engraçado mas menos imprevisto. No fundo, todos se nivelam, com excepção apenas do episódio da rameira, o qual sobreleva os demais pela sua profunda observação.

Pena é que não fôsse indicado, à medida da exibição de cada episódio, o nome do realizador que o concebera. Poderiam fazer-se assim curiosas observações sobre os diversos estilos e talvez nos estivessem reservadas algumas surpresas. Exibiu-se de facto, no princípio da projecção, um quadro indicando a distribuição dos perso-

nagens por realizadores. Mas é fácil de compreender que não é possível ao espectador durante os curtos momentos de projecção dêsse quadro fixar a série de nomes que ele menciona.

À parte os defeitos que indicamos, e que são consequência natural do carácter muito particular do filme, «Se eu tivesse um milhão» é uma obra cheia de interesse, que contém cenas de profunda observação e outras de excelente comichidade.

Finalmente, exibiu-se «O Rei da Selva», filme de feras em que o fantástico ocupa lugar preponderante mas que agrada, sobretudo na parte sensacional em que as feras se dispersam pela cidade. O assunto, por vezes pueril, tem contudo interesse. Interpreta o principal papel o actor Buster Crabbe, ex-campeão de natação das Olimpíadas, que se revela superior ao seu rival e antecessor Johnny Weissmuller.

«O Rei da Selva», é mais um conto maravilhoso nos moldes de «Tarzan» em que os intérpretes têm ocasião de patentear uma coragem pouco vulgar.

Manuel L. Rodrigues.

Festas de caridade

EM SINTRA

A época mundana em Sintra este verão, marcou, como de há muito não succedia nessa bela estância, pela elegância e animação. Houve um grande número de festas mundanas às quais já nos referimos nesta secção. Hoje apenas nos dedicaremos ao fecho da temporada, o «bailarico popular» que na noite de 3 do corrente, se realizou nos salões do Hotel Costa, que durante o verão foi sem duvida alguma, o ponto de reunião preferido pela nossa primeira sociedade, amavelmente cedidos pela sua actual direção, sr. Ricardo Alen, e levado a efeito sr. Alberto de Velasco y Méra e por quem escreve estas linhas, cujo producto liquido se destinava a favor do fundo das obras que se estão fazendo na igreja de S. Martinho, mas que, infelizmente, embora decorresse com extraordinária animação, e a ele tivesse acorrido tudo o que de melhor ainda se encontra nessa vila, não deu lucro algum, como se vê pelas contas.

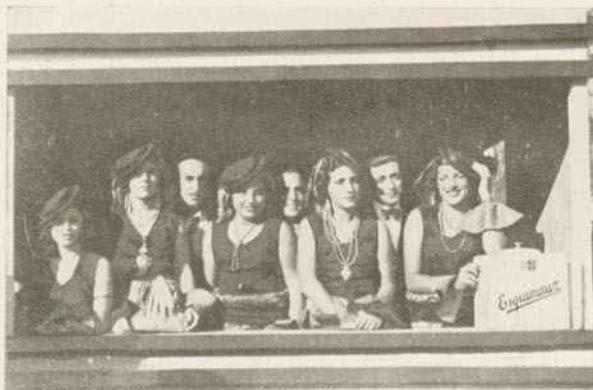
Nessa noite, os salões do Hotel Costa, estiveram, repletos de tudo o que de melhor conta a nossa primeira sociedade, oferecendo um aspecto verdadeiramente encantador. Foi pena que algumas senhoras se tivessem apresentado de vestidos de gala, que tiravam o aspecto de festa popular, que os seus organisadores lhe quizeram dar.

Ao som de duas exímias orquestras «Jazz-band», sendo uma portuguesa e outra composta de estudantes alemães, que tocaram alternadamente, um variado programa de músicas modernas, dançou-se quasi sem interrupção até perto das cinco horas da madrugada, sempre num crescente de animação e alegria.

Na assistência notavam-se entre outras as srs.ªs: Marquesa de Cadaval, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Cristina Resende da Silva, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas, D. Maria José Salgado e filha, D. Maria Henriqueta Valente Salema Garção e filha, D. Leonor de Oliveira Lane e filha, D. Maria Antónia de Melo Portugal, D. Carolina Correia de Sá Pais do Amaral, D. Maria Madalena de Castro Pereira, D. Maria Luiza Pottier de Carvalho Monteiro, D. Maria da Natividade Ferreira Braga de Sousa e filha, D. Olinda Nunes Godinho, D. Albertina da Cunha Neves e filha, D. Alda Salfreta da Silva e filha, D. Irene Moreira Rato da Cunha, D. Laura, D. Maria Eugénia e D. Maria Emilia Abreu Reis Ferreira, D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Maria do Carmo Leite Ribeiro Liebermaister, D. Maria do Carmo Duffner, D. Maria Henriqueta de Campos, D. Maria Raquel Ortega, D. Maria Gonçalves, D. Maria de Mascarenhas Tormen-ta, D. Alice Fernandes, D. Maria do Carmo de Carvalho, D. Berta Moura, etc.

A receita do «bailarico popular» foi a seguinte: «Entradas» — 990\$00; «Porcentagem nas bebidas» — 169\$00. «Total» — 1.159\$00. Despesas: — «Licença da Camara Municipal» — 81\$00; «Serpentinas» — 81\$00; «Loja da Camélia» — 59\$00; «Música alemã» — 150\$00; «Música portuguesa» — 418\$000; «Trabalho da Tipografia Medina, de Sintra» — 370\$00. «Total» — 1.159\$00.

Os organisadores estão verdadeiramente gratos ao sr. Ricardo Alen, pela sua gentileza, em ceder as salas, luz e

VIDA
ELEGANTE

Uma das barracas do «Sintra-Parque» por ocasião das festas da Senhora do Cabo

ainda a percentagem sobre as bebidas, o que fez com que a festa não desse prejuizo.

Casamentos

Realizou-se na parochial do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Consuelo Domingos Passos, filha da sr.ª D. Bernardina Domingues Passos e do sr. António Romão dos Passos, com o engenheiro agrônomo sr. dr. Eduardo Homem de Gouveia e Sousa, conservador do registo predial e secretário do ministro da Justiça, filho da sr.ª D. Ermelinda Homem de Gouveia e Sousa e do sr. Eduardo Maria de Sousa.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos os pais dos noivos e o sr. dr. Freitas Esmeraldo.

Celebrou o acto religioso, o reverendo cônego António Homem de Gouveia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um lanche, partindo os noivos no paquete «Astúrias» para o Funchal, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Na parochial de Santa Maria de Belem, realizou-se o casamento da sr.ª D. Laura Meneses Correia, filha da sr.ª D. Margarida da Conceição Meneses Correia e do sr. Joaquim Meneses Correia, já falecido, com o sr. Américo Jorge Burnett Lapido, filho da sr.ª D. Marcelina Gomes



Outra barraca do «Sintra-Parque»

Burnett Lapido e do sr. Francisco Ferreira Lapido.

Serviram de madrinhas a sr.ª D. Judite de Melo e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Vasco Igreja e o pai do noivo.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo António de Sousa Ramalho, prior da Conceição Nova, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Durante a cerimónia as sr.ªs D. Branca Mota Ferreira, D. Maria Celeste, D. Alda da Purificação e D. Lucília, Lima Cruz, cantaram com acompanhamento de órgão vários trechos de música sacra.

Terminado o acto foi servido na residência da mãe da noiva um lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

— Em capela armada na residência da sr.ª D. Gabriela Eugénia Monteiro Martins e do sr. José Luiz Martins, realizou-se o casamento de sua filha D. Maria Eduarda, com o sr. Diamantino Dias, filho da sr.ª D. Carolina de Jesus Dias e do sr. José Dias.

Foram padrinhos por parte da noiva a sr.ª D. Jame Lipierre Reynaud e o sr. António Deodato de Sousa Migueis e por parte do noivo a sr.ª D. Dorotea Maria Martins e o sr. Ido Júlio dos Santos.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Elizeu Maia, que no fim da missa fez uma brilhante alocação. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», seguindo os noivos depois para Coimbra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Em Turillo, Espanha, realizou-se na capela do histórico palacete da sr.ª D. Soledade Nuñez de Elias de Peña, e do sr. D. Henrique Elias de Peña, o casamento de sua filha D. Maria del Carmen, com o clínico sr. dr. António Figueira Rego, filho do médico sr. dr. Balbino Rego, tendo servido de padrinhos o illustre escritor sr. Joaquim Leitão e sua esposa, a sr.ª D. Amélia de Abreu e Lima Tavares Cardoso Leitão.

Os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, seguiram para Timor, onde o noivo vai tomar conta do seu cargo.

— Realizou-se na residência da sr.ª D. Margarida de Aviz, viuva do sr. Guilherme de Aviz, o casamento de sua filha D. Laura, com o seu primo o sr. Roberto Torres, tesoureiro privativo da Câmara Municipal de Moçambique, servindo de madrinhas as srs.ªs D. Constância Venancio Mira, mãe do noivo e prima da noiva e D. Nina de Aviz, prima do noivo e de padrinhos os srs. Francisco de Aviz, irmão da noiva e Joaquim Clington, funcionário superior aposentado do Consulado Geral do Brasil, em Lisboa.

Terminada a cerimónia religiosa, que revestiu um carácter de muita intimidade, foi servido um lanche, da «Garrett», no salão de mesa da residência, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.

Amadeu de Freitas Filho



O nosso camarada de imprensa Amadeu de Freitas Filho acaba de publicar um livro a que chamou «A Fogueira Eterna». Trata-se de duas novelas, uma das quais deu o título ao livro e outra que se chama «Balada da Agonia». Ambas são animadas dum nobre espírito de revolta que dá extraordinário interesse à sua leitura.

Dr. Bettencourt Rodrigues



NA sua casa do Estoril, faleceu no dia 4 o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros sr. dr. Bettencourt Rodrigues, figura de destaque no meio político, que prestou à Pátria e à República inestimáveis serviços. A sua vida, foi sempre um nobre exemplo de carácter e de civismo. Era possuidor duma clara inteligência e duma vasta cultura. Publicou uma obra intitulada «28 meses no ministério dos estrangeiros» onde relata os seus principais actos governativos.

O novo Embaixador do Brasil em Lisboa



ENTREGOU já as suas credenciais ao sr. Presidente da República o sr. dr. Guerra Duval, embaixador do Brasil em Lisboa. O acto revestiu um brilhantismo invulgar. Trocaram-se discursos amistosos. O novo representante da grande república sul-americana fez-se acompanhar nessa cerimónia, do sr. dr. Franklin de Almeida Lima, secretário da Embaixada.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

O 1.º Congresso da Indústria Portuguesa



No último domingo inaugurou-se solenemente o 1.º Congresso de Indústria Portuguesa, no salão de festas do Palácio das Exposições, sob a presidência do Chefe do Estado. Antes da sessão inaugural, os congressistas estiveram no edifício da Câmara Municipal, onde foram recebidos pelo tenente-coronel sr. Linhares de Lima, presidente da Comissão Administrativa do município e pelos seus restantes componentes.

As festas da Senhora da Boa Viagem



REALIZARAM-SE, na Moita do Ribatejo, as célebres festas da senhora da Boa Viagem que atraem milhares de forasteiros da capital e das povoações limítrofes da pitoresca vila ribatejana. Publicamos uma fotografia aérea da vila, à hora da entrada de touros, tirada de um avião pilotado pelo capitão sr. Sérgio da Silva, tendo como passageiros o escritor sr. Correia da Costa, natural desta localidade, e sendo a fotografia do ilustre aviador capitão sr. Pinheiro Correia.

O ministro dos estrangeiros espanhol em Lisboa



A bordo do «Cap Arcona» chegou a Lisboa o ex-ministro dos negócios estrangeiros do governo de Lerroux e do gabinete actual, sr. dr. Claudio Sanchez Albornoz, que até há pouco foi reitor da Universidade Central de Madrid. Era esperado pelo sr. dr. Caetano da Mata, ilustre titular da pasta dos estrangeiros, e por muitas personalidades portuguesas e espanholas.

Duque de Palmela

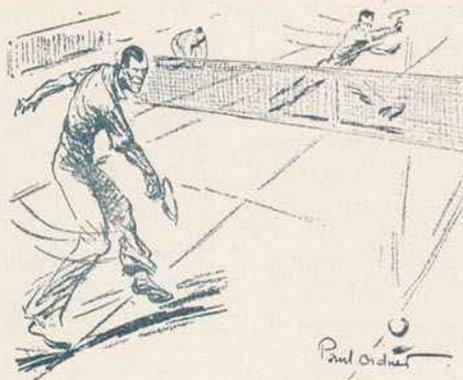


DESAPARECEU uma das mais respeitadas figuras da velha aristocracia portuguesa: o duque de Palmela, D. Luis Coutinho Borges de Medeiros. Morreu aos 67 anos, no seu palacete de Cascais, tendo sido Oficial-Mór da Casa Real e capitão da Guarda dos Arceiros. O seu nome fica ligado a várias obras de beneficência e era o sócio n.º 1 do Ginásio Club Português. O seu funeral constituiu uma profunda manifestação de saudades, tendo ocorrido ao cemitério dos Prazeres, para prestar a última homenagem ao ilustre titular, muitas dezenas de amigos.

Adriano Costa



O artista Adriano Costa — um dos grandes valores da pintura portuguesa — tem actualmente expostos num dos salões do hotel Costa, de Sintra, alguns dos seus melhores trabalhos. É uma série de quadros, com motivos daquela região, que têm sido muito apreciados pelos numerosos visitantes.



O célebre match: Tilden-Cochet visto pelo conhecido desenhador desportivo Ordner

COMEMOROU no passado mês, em dia de abertura da época lisboeta de "foot-ball", o seu 14.º aniversário, o Club de Foot-ball "Os Belenenses", uma das colectividades mais populares da nossa cidade.

O "Belenenses", que é uma agremiação de características assentadamente bairristas tem no seu passado uma brilhante folha de serviços em prol da propaganda desportiva, conseguindo elevar-se à custa de trabalho e perseverença até ao nível dos grandes clubes.

Praticando várias modalidades, num ecletismo louvável, o "Belenenses", celebrou-se principalmente pelos triunfos alcançados pela sua secção de "foot-ball", detentora do campeonato nacional; o mérito da simpática agremiação é tanto mais de apreciar quanto é verdade que tem organizado os seus grupos valendo-se dos recursos da sua população, ignorando até agora o sistema, tão em voga, da pesca do peixe gordo criado em viveiros alheios.

Recentemente condecorado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo pelo governo da nação, foram as honrosas insígnias apostas no seu estandarte pelo sr. Presidente da República, no próprio campo do clube, campo que atesta eloquentemente o esforço dos seus dirigentes e a dedicação de alguns dos associados, entre os quais avulta a figura exemplar de Joaquim de Almeida.

Festejando o aniversário, o "Belenenses" inaugurou auspiciosamente a sua temporada foot-balistica, batendo o Benfica, campeão de Lisboa, por 3-1, e tirando assim a desforra do jogo final no Estádio em Maio último; uma semana mais tarde a sorte foi-lhe menos propícia e o Sporting, seu adversário da outra final de 1932, venceu-o por sua vez, comprovando também quanto é incerta a luta entre os melhores grupos lisboetas.

O corredor italiano Beccali, campeão olímpico dos 1.500 metros e recente ven-

cedor desta prova nos Jogos Universitários de Turim em tempo que igualava o "record" mundial do francês Ladoumègue, acaba de conquistar para si este glorioso trofeu, percorrendo a distância em 3 m. 49 s., no decurso do encontro entre as seleções atléticas de Itália e Inglaterra.

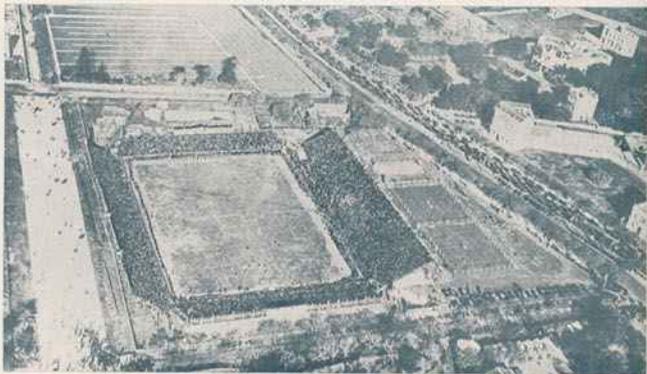
Uma semana depois, e aproveitando da excelente forma ocasional, Beccali tentou apoderar-se também do "record" dos 800 metros, fa-

lhando nos seus propósitos; o seu tempo foi de 1 m. 50 s. ³/₄, igualando a proeza com que o francês Sera Martin estabeleceu em 1928 um novo "record" do mundo, mas que nestas duas últimas épocas fôra superado por três corredores, o inglês Hampson, o americano Eastman e o canadiano Wilson.

Estas proezas admiráveis e um tanto inesperadas do campeão italiano, comentadas pela imprensa desportiva do mundo inteiro, tiveram em França um reflexo curioso e que pode fornecer elementos para bastos comentários aos amadores da psicologia colectiva.

Ninguém ignora que Júlio Ladoumègue, após haver melhorado os tempos mundiais de quatro distâncias de meio-fundo, os mil e os mil e quinhentos metros, os três quartos de milha e a milha, foi no ano passado, antes da competição olímpica, desclassificado pela sua Federação, convicto de profissionalismo a par duma outra grande estrela, já declinante, o finlandês Nurmi.

Desde essa data, e a-pesar duma constante interferência da imprensa, e da vontade pública que em todos os encontros



Um estádio de Buenos Aires em tarde de grande afluência, visto de dois mil metros de altura

A QUINZENA DESPORTIVA

O aniversário do Belenenses

O novo "record" dos 1.500 metros

Um campo de bola em Buenos Aires

O jogador Cochet e o "tennis" profissional

internacionais onde invariavelmente os franceses são batidos, reclama em côro altissonante a presença de Ladoumègue, os dirigentes federativos têm mantido inflexível a sua severidade, levada ao ponto de perseguir por tôdas as formas qualquer tentativa de actividade do corredor excomungado.

Ladoumègue pertence neste momento a uma Federação dissidente, onde não existem categorias, mas apenas atletas, tal e qual como no "foot-ball" português na sua moderna legislação. Pois a Federação oficial proibiu que êle tomasse parte em quaisquer provas utilizando as pistas ou instalações dos clubes seus filiados que são, por assim dizer, todos os do país.

Sucede agora que os "records" de Ladoumègue, únicos que a França possui na tabela mundial, desaparecem um a um, batidos por corredores de outras nações. O sectarismo, o velho "chauvinismo" gaulês, levanta-se então mais alto do que a apregoadada rigidez de princípios, e dias volvidos, poucos dias volvidos sobre a proeza de Beccali, anunciam-nos os jornais parisienses que a Federação, para fins beneficentes, estaria disposta a patrocinar um encontro Ladoumègue-Beccali, permitindo que para tal fim o seu compatriota se preparasse durante o tempo conveniente numa das melhores pistas à sua escolha.

A vira-volta é característica e mais formal ainda se acrescentarmos que o presidente da Federação declarou estar disposto a patrocinar no congresso da Federação Internacional a requalificação de Ladoumègue dentro da criação duma categoria especial de corredores.

Resta averiguar se o partido contrário estará agora nas disposições de aceitar a metamorfose, o que nos parece pouco provável.

Começando por Beccali que já declarou não poder medir-se com Ladoumègue dentro dum regime de excepção, pois apenas conhece como adversários os homens em situação legal, semelhante à sua.

Apresentamos nesta página aos nossos leitores uma significativa fotografia feita de avião sobre um campo de "foot-ball" em Buenos Aires, demonstração do enorme entusiasmo que o jogo da bola redonda provoca na população argentina.

Embora o "foot-ball" sempre tivesse grande desenvolvimento na república sul-americana, cujos representantes estiveram em Amsterdam a um dedo da vitória olímpica, o interesse pelo "foot-ball" cresceu mais ainda nestes últimos



Em Paris, Ladoumègue correu contra um cavalo, levando o partido 500 metros num quilómetro, e ganhou por 150 metros

anos, desde a implantação do profissionalismo.

Em Buenos Aires existem dezoito clubes nessas condições, disputando o campeonato organizado pela Liga Profissional, cujos encontros registam uma assistência média de sessenta a oitenta mil pessoas; nos jogos entre os grupos mais populares, os estádios enchem-se por completo, ficando muita gente privada de os presenciar por falta de lugares.

O entusiasmo dos espectadores têm provocado algumas vezes importantes conflitos, de forma que os campos são presentemente cercados por fortes e altos gradeamentos que impedem a invasão pelo público, mas não evitam os distúrbios nas tribunas e outras manifestações de desagrado condenáveis. Os árbitros e jogadores que caem na reprovação do público eram vulgarmente agredidos com garrafas e lanças atiradas das bancadas, o que levou o chefe da polícia a proibir a venda de bebidas nos campos de "foot-ball", acabando assim com as munições aos agressores.

Os jogadores de maior nomeada são verdadeiros ídolos do povo, e os clubes disputam a sua colaboração recorrendo ao mais convincente dos argumentos, o dinheiro.

O "River Plate", actual campeão da Liga, conseguiu na época passada a transferência do avançado Bernabé Ferreyra pela bagatela de 50.000 pêsos, o que significa na nossa moeda qualquer coisa como tresentos e cinquenta contos!

Estas verbas deixam muito longe tudo quanto na Europa tem sido negociado, e constituem a mais eloquente demonstração do grande valor comercial alcançado pelo "foot-ball" nos países da América do Sul.

A estreia de Cochet no campo profissional foi para os franceses uma desilusão. O homem que cavara a derrocada da supremacia americana, o vencedor do glorioso Bill Tilden, veio finalmente, e passados anos, esbarrar no mesmo adversário que parece remoeado pela marcha do tempo.

Cochet batera Tilden há uns bons cinco anos em três partidas sêcas, e o "score" de então, 6-2, 6-3, 6-4, era considerado como o ponto final do domínio do velho campeão, destronado pelos mais novos; há meses ainda o mesmo Cochet justificava a sua derrota por Perry, na final da Taça Davis, alegando o "handicap" dos seus trinta e dois anos em frente dos vinte e cinco do inglês.

Tilden, verdadeiro fenómeno, rejuvenescido como o dr. Fausto da lenda, demonstra agora quo falazes são tôdas as teorias desportivas em que a lógica entre como base; aos quarenta e um anos, num estilo que os técnicos consideraram um requinte da sua arte, retribui a Cochet a tal derrota definitiva de 1928, batendo-o nas mesmas três partidas e quasi no mesmo número de jogos, 6-3, 6-3, 6-2.

Esta vitória, positivamente inesperada, veio lançar na dúvida o problema tão discutido, do valor comparativo dos amadores e profissionais. O que faria o australiano Crawford, primeiro jogador do mundo em 1933, frente ao mestre Tildend. As opiniões dividem-se e a interessante questão ficará por muito tempo ainda sem resposta, visto os regulamentos actuais não permitirem os torneios mixtos, de inscrição aberta a jogadores de ambas categorias.

Salazar Carreira.

NOTICIA-
RAM OS
jornais
france-

Com a morte de Oscar Dufrenne

o género que
o grande em-
presário desa-
parecido afec-

ses a morte de Oscar Dufrenne, o empresário parisiense que com Alfonso Franck e poucos mais formava o núcleo mais importante dos empresários da Cidade Luz.

Oscar Dufrenne, ao que se disse, teve morte violenta, foi assassinado. É provável que fôsse com intenções de roubo mas é ainda mais provável que o amor irritado pelo ciúme tivesse vibrado o golpe.

O saudoso homem de teatro era muito pretendido, pela sua situação de dirigente de várias casas de espectáculos, e as estrelinhas que queriam subir depressa a regiões mais elevadas do firmamento teatral ofereciam-lhe de boa vontade as suas graças e os seus encantos.

E quando escrevi que talvez fôsse o amor foi por elegância espiritual. Devia ter escrito despeito ou interesse.

Conheci muito bem Oscar Dufrenne. Não era um homem sedutor, com um destes físicos que atraem a boas fortunas em questões amorosas, apesar de muito simpáticos; mas possuía o melhor: uma situação que era para as neófitas do palco como a luz brilhante que chama irresistivelmente as borboletas.

Um homem de teatro, quer seja autor quer empresário, está sempre sujeito a aventuras galantes.

São mesmo de lamentar estes homens porque nunca podem estar certos de ser amados por si próprios.

Mas quando isso, por acaso, acontece, quando uma mulher lhes quer sinceramente, sem ter em mira qualquer favor ou interesse. Eles estão no seu direito de pensar que ela é guiada pela cobiça, ditada pela vaidade ou simplesmente por necessidades materiais.

Mas estou persuadida, e ainda bem para eles que os homens nesta situação não se dão ao trabalho de destrinçar, psicologias e aceitam as coisas como elas se apresentam.

E, por comodidade, acreditam ou fingem acreditar, porque afinal, se o que eles querem é aproveitar do amor o que ele tem de bom, que importa que o beijo seja sentido ou não? Sinceridade e fingimento confundem-se de tal forma, que as imitações chegam a suplantar o original. Tem-se visto.

Portanto, é natural que Oscar Dufrenne soubesse que essas mulheres que andavam no seu rastro luminoso de empresário feliz lhe davam um amor falso como os europeus do palco, mas cumpriam a sua missão de saciar as suas ansias de prazer, como o latão doirado das lantejoulas, salpicando a indumentária das actrizes, deslumbra o espectador a quem as aparências bastam.

E a ilusão chega para dar a felicidade. Abençoados aqueles que podem ainda deixar-se enganar por ela.

Mal vai aos que se apegam á dúvida, e assestam, teimosos, sobre a vida, os óculos negros do seu pessimismo intransigente.

Oscar Dufrenne foi muitos anos senhor

ficou de luto a arte teatral

dos destinos do teatro Bouffes-Parisiens, o palco onde pela primeira vez se representou a *Miss Helyett*, que eu "criei" em português no Trindade.

A minha vida teatral lá fóra, por essas "estranhas", devo-a a Oscar Dufrenne, que foi quem me lançou nos palcos franceses, fazendo-me debutar no Casino de Paris, num programa formidável com os melhores nomes de artistas mundiais.

Foi ele ainda quem me apresentou ao agente Aragon, bailarino célebre, que dançou com a *Belle Otero* nos seus tempos de maior glória, no teatro "Folies Bergère", a elegante casa de espectáculos situada na rua Bergère, que lhe deu o nome.

Este Aragon tornou-se mais tarde, e já o conheci assim, o mais disputado agente teatral da Europa, contratando artistas de todo o mundo para os grandes centros.



OSCAR DUFRENNE
o empresário francês há pouco assassinado

Foi o meu "manager", durante a minha longa "tournée", e fez-me ganhar bem bom dinheiro e ganhou ele também, porque a sua comissão era avultada.

E tudo devi a Oscar Dufrenne que depois de me ouvir cantar na Abbaye de Gif, em casa da grande escritora Juliette Adam, viuva de Paul Adam, se interessou pela minha carreira.

É pois á sua gentileza e ao seu "faro", de empresário que devo os meus triunfos em Paris, Londres, Bruxelas, Liège, Colónia, Génova, etc., e a minha voga mundial, como artista de opereta francesa.

E muitas actrizes que foram célebres lhe devem o seu nome, porque ele de boa vontade ajudava aquelas em quem reconhecia estôfo para maiores cometimentos. Enumerá-las seria citar os nomes de tódas as que se salientaram no teatro musicado ou na comédia ligeira, que era

cionava de preferência. Para a Ópera Comique e para a Gaité Lyrique os mais afamados palcos de Paris, logo a seguir á Ópera,

transitaram algumas "vedettes", modeladas por ele e por ele industriadas nos segredos do palco, porque Oscar Dufrenne aliava aos seus dotes de director de "troupe", o gôsto e a ciência de ensaiador emérito.

E não só actrises mas actores também muito lhe devem. Mayol, por exemplo, de quem foi empresário, ficou sendo seu crédor na maior parte dos seus triunfos.

Podem ser que esses artistas não se lembrem já de quem lhes deu a oportunidade do êxito, e fiquem indiferentes perante o seu cadáver, tanto mais que a situação de Oscar Dufrenne não era agora tão brilhante como nesse tempo em que se achava dono e senhor de vários palcos com um exército de empregados sob as suas ordens.

As situações mais gloriosas ou lucrativas dependem sempre dum primeiro impulso e é a quem nos dá esse impulso que devemos tudo o mais.

É por isso que eu "sinto", que devo a Oscar Dufrenne todas as ovações que recebi por esse mundo fóra.

Se não me tivesse dado o primeiro empurrão, eu ficaria a marcar passo e nunca entraria no teatro internacional.

Modestia à parte, ele viu em mim qualidades que o não deixariam ficar mal, mas podia encolher os ombros e entregar-me a um duvidoso golpe de sorte.

E, seja dito desde já, que se em mim a mulher lhe interessava nunca o manifestou de forma alguma, o que não admira, porque o guardava então uma loirinha capitosa e estonteante, que era ao mesmo tempo artista de valor.

Essa mulher gostou de "la petite portugaise", como ela dizia, e por um destes bambúrrios da sorte não tinha ciúmes de mim.

Senão, lá se ia por água abaixo o meu desejo de internacionalização ou pelo menos seria demorado pô-lo em prática.

Por tudo isto não podia deixar passar em claro, na minha agenda, o falecimento de Oscar Dufrenne, mesmo que ele não tivesse direito a uma nota como vida na imprensa de todo o mundo, pela sua inteligência e pelas suas raras qualidades de empresário, que o tornavam querido do público e dos seus artistas.

Oscar Dufrenne, em tempos, deixara-se seduzir pela atracção das gambiarras, mas a sua energia e a sua vocação para cabo de Companhias depressa levaram a melhor na sua vontade, e indígenas e forasteiros enchiam os seus teatros, guiados pela tuba da fama que espalhava pelo orbe a magnificência das suas montagens e o escrúpulo a que obedecia a escolha dos seus colaboradores.

Guiada pelo despeito ou pela cupidez é caso para amaldiçoar a mão que roubou tão preciosa existência.

VIDA FEMININA

SENTEI-ME para escrever e peguei na pena para lhes falar dum assunto de arte. Mas faço-o numa mesa de pedra na mata de um velho solar do Minho. Antes de escrever alonguei a vista pelo panorama, que tenho em frente e de todo me esqueceu o assunto de que ia tratar, de tal forma fiquei embebida a contemplar a beleza que me rodeia. É no alto da mata de frondosos pinheiros mansos. Não uma mata falsa de ruas arcadas; mas uma verdadeira mata de penedos selvagens, de árvores crescendo á sua vontade. Um tapete de urzes e de fetos tornam-na suavemente colorida. Uma mesa de pedra, dois bancos um de cada lado. Perto um tanque rodeado de hortensias que nascem, como querem e onde querem tomando a coloração que lhes apetece e não são escravas do jardineiro, colorindo-se como éle quer, como a mulher civilizada é escrava da moda. Os muitos ruidos que me rodeiam são o barulho da água caindo no tanque e o zumbido dos insectos voando em volta das flôres. O perfume é estonteante, a resina dos pinheiros, a mato e a flôres. A tarde anança Em baixo o velho solar com o seu ar senhorial lembra-me épocas passadas, épocas de esplendor. Festas em que luziam com a sua fresca beleza, saudáveis, as lindas morgadinhos. Horas alegres e horas tristes. Horas de glória e horas de amargura como seriam as que passou ali D. António Prior do Crato quando ali se refugiou foragido e perseguido, recebido com amizade, mas amargurado de desilusões. Á direita ao longe as dunas de areia dourada e o mar azul ferrete, que vem quebrar na praia desfazendo-se em espuma de prata. Em frente outras montanhas,

onde no meio dos pinhais brilham como jóias capelinhas e que com a tarde se vão arrocheando e em baixo o vale de Chafé, verdejando de prados e de vinhas, que vergam ao peso dos roxos cachos de uva, que prometem uma farta colheita, casinhas brancas de onde se levanta para o céu o fumo das chaminés onde se cosinham as ceias daqueles que todo o dia trabalharam, mourendo na cultura da terra.

Em volta da igreja a aldeia. Da igreja que é para esta boa gente simples e cheia de crença, o que devia ser para todos neste mundo de desencença: O refúgio e o consolo.

A tarde avança ouvem-se ao longe os descantes das raparigas que voltam do trabalho. O céu avermelhado põe um reflexo de fogo na terra. Ao poente os pinheiros recortam as suas sombras elegantes no céu luminoso e vibrante de cor, a paz é completa, é profunda. E como depois de ter percorrido o mundo civilizado, de ter passado esta hora do cair da tarde, nas ruas das cidades mais tumultuosas da Europa, de ter visto os passeios apinhados de gente, o assalto em correrias nos meios de transporte daqueles que vivem a vida trepidante das grandes capitais,

a hora do acender das luzes não movimentada, eu sinto a paz e a doçura deste cair de tarde luminoso e belo, duma serenidade absoluta. Não ha luzes que se acendam, o sol apaga-se pouco a pouco, dando uma suave claridade e os que voltam á paz tranquila das suas casinhas brancas, o corpo cansado e a alma satisfeita cantam com alegria a felicidade de viver, de ter saude de ser novos, sem o enervamento dos citadinos.

Eles não procuram meios de condução. Vêm a pé de longe alegres de trabalhar, felizes de viver e a tarde morre numa suave harmonia, os insectos já não zumbem, a água cã mais docemente no velho tanque, os cantos fazem-se mais raros, a luz diminui de vermelha, a cor de laranja, de cor de laranja, a lilaz. Os pinheiros fazem ondular suavemente os seus ramos como que ciciando uns aos outros: "São horas de descansar".

O restolho dum vôo de perdiz que volta ao seu ninho em paz, e a tarde envolve-me numa quietação tão doce, que me faz pensar que a felicidade é viver contente com a sua sorte, numa aldeia ridente do alegre ninho, vivendo

a vida sã dos que vivem da terra e para a terra.

A terra que nos dá em vida o pão e as frutas, e, que nos dá na morte a sepultura onde dormiremos em paz.

Felizes os que sabem viver a vida simples e natural das aldeias sem preocupações ambiciosas de brilhar de mandar de se salientar.

Maria de Eça.

A moda

COMEÇAM a aparecer as primeiras «toilettes» de noite, que este inverno hão-de causar sensação, nas festas próprias desta época. Damos hoje um lindo modelo usado por «miss» Lilian Ivish. É um vestido em setim, com «jaquette» tóda em «pailleté» e uma linda raposa azul. É de grande elegância.

Para jantar damos um lindo vestido em «taffetas» azul e branco, com barra em «taffetas» branco. As mangas, têm uma linda forma. É um vestido original e gracioso. Como complemento tem uma fitinha a atar o cabelo. É a tímida aparição das fitas, como guarnição de cabeça, que já tanto se usou e agora de novo está aparecendo.

Para vestido de outono, de rua, damos dois modelos. Um em clássico «tweed» tem uma elegância desportiva muito original, que lhe dá a concordância de todos os acessórios de «toilette». O completo em «tweed» de cores neutras é completado pelo chapéu, carteira écharpe. O que lhe dá o tom alegre é o lindo «sweater» que tem por dentro do casaco que é dum lindo azul mediterrâneo guarnecido a lindas cores.

A écharpe é também muito bonita e enfeita-o muito. O

outro é numa linda «lainage» às riscas cinzentas e azues escuras, e completa-o um confortável e prático casaco, também em «tweed», é uma «toilette» bonita e dum grande elegância, que é verdadeiramente adequada às saídas de manhã e até mesmo no desporto, no «golf» por exemplo.

Todos estes modelos têm um «chic» que se alia á simplicidade. Uma verdadeira senhora deve fugir sempre às «toilettes» espalhafatosas e procurar vestir-se com elegância, que não exclua a máxima simplicidade, e, sobretudo usar os vestidos adequados á hora e às saídas. Nunca se devem vestir de manhã «toilettes» de tarde. É nestas pequenas coisas que se conhece a mulher elegante.

A mulher e o desporto

O primeiro desporto em que a mulher começou a ter uma verdadeira maestria e um enorme sucesso foi o «tennis». É pois sempre para a mulher um dos desportos mais apreciados o «tennis» é aquele em que mais brilha a graça dos seus movimentos, a gentileza da sua figura. Damos hoje o retrato de Mrs. Jearnley Whittings-





«a maravilhosa viagem de Nils Holgerson» onde a epopeia da nação é exaltada, e as crianças de Itália lêem sempre «Pinoccliro» e «Cuore». O primeiro tem a fantasia alada, tôda a graça viva própria do povo italiano. «More» foi escrito por uma nobre alma de poeta que vibram ainda pela alegria de ver conseguida a unidade nacional. Nós temos a «Minha Pátria» e «Portugal dos pequeninos», livros patrióticos e cheios de interesse. Mas em geral a nossa literatura infantil é muito fantasiosa, o que contribue para exacerbar o excesso de fantasia e a esperança no miraculoso que são já características da nossa raça.

Velho palácio

HÁ em Paris velhos palácios hoje séde de casas comerciais, que despertam grandes recordações. O palácio de Toulouse, há mais dum século séde do Banco de França, era considerado sua na época, como um dos mais santuosos palácios da capital. Começado em 1635, sob os

desenhos de Mausart, foi acabado em 1640 pela familia de Labrilliére. Em 1713 foi comprado pelo conde de Toulouse e tomou o nome do seu novo proprietário, que o decorou magnificamente.

Tornou-se depois propriedade nacional e nos tempos da revolução, foi feito imprensa da República. Foi no seu pateo, que com a autorização de Danton, Marat começou a publicação do seu jornal, no qual manifestava os seus projectos sanguinários. O palácio de Toulouse foi habitado por altas personalidades, pelo conde e condessa de Toulouse, pela princesa de Lamballe, pela duquesa de Orléans, e pelo seu grande amigo e poeta apreciadíssimo Florian. Ainda hoje na sua grandiosa galeria doirada, milagrosamente poupada durante a revolução porque estava transformada em armazem de papel, parece que vemos aparecer as sombras daquelas interessantes figuras, quasi todas vitimas dum sombrio destino. O poeta Florian depois duma prolongada prisão com perspectiva da guilhotina, foi salvo pela contra-revolução de Thermidor, que por fim a carnificina, mas reentrado no mundo, sentiu-se como perdido num meio que já não era o seu e que por completo desconhecia, e, morreu das consequências da revolução. Em 1808 Napoleão, adquiriu o palácio de Toulouse para colocar ali o Banco de França e ficou assente, que a formosa galeria doirada se tornasse em sala da Assembleia das accionistas. E é o que verdadeiramente existe do histórico palácio. O resto tem sido continuamente remodelado e está transformado num banal banco. Há haında num velho sótão, o quarto de Florian o poeta, que se conserva quasi no mesmo estado. É um quarto humilde que nos demonstra que se os grandes senhores albergavam os poetas não os distinguiriam muito dos criados.

De mulher para mulher

Maria Amélia: Claro que se usará imenso o veludo prêto este inverno. Para vestidos «toilette» o veludo cristal e para vestidos «tailleurs» o veludo inglês. As grandes casas de Londres já tinham nos seus modelos de outono vestidos em veludo. Faça o chapu em veludo prêto.

Joaninha: Perdoe-me que lhe diga mas é o procedimento dum leviana. As raparigas de hoje justamente por terem mais liberdade tem obrigação de serem mais correctas. Cs direitos trazem responsabilidades.

Mireille: Não calculo como acho interessante ver uma francesa tão gentilmente acimatada. Leia os livros de Júlio I iniz. São justamente no género que deseja. Chamam-se. «Morgadinha dos Canaviais», «Pupilas do Senhor Reitor», «Fidalgos da Casa Mourisca», «Uma Família Inglesa», «As Novelas da Tia Filomela» e «Justiça de Sua Magestade». Encontra-os na Livraria Bertrand. É tão raro encontrar numa estrangeira o desejo de nos conhecer bem que tudo o que quizer lhe indicarei com a melhor vontade e com imenso prazer.

Maria: Gostaria imenso de a poder animar, mas as traduções, são em geral dadas a antigos tradutores. Consta-me porém que no Corpo Santo, os padres irlandeses dão traduções, poderia talvez experimentar, embora se deva dar o mesmo caso de já terem os seus tradutores.

É muito difficil ganhar por este meio. Coisas comerciais, é talvez mais fácil.



tall, em solteira «miss» Bennett, que é uma das melhores tennistas inglesas, conhecida nas melhores «courts» não só como jogadora imérita, mas também como sendo uma das jogadoras, que melhor se vestem. Ela agora em vista do seu successo resolveu desenhar «toilettes» de «tennis», com o resultado que se vê no seu retrato. O vestido em lã branca muito decotado, dá a liberdade de movimentos necessários. Sobre êle vestia um lindo «cardigan» em vermelho e branco. Esta sua «toilette» foi extraordinariamente admirada em Ranelagh o elegante «club» entre Londres e Richemond onde se reune a mais alta sociedade inglesa, que tão desportiva é, dedicando-se sempre ao «tennis».

Livros infantis

CADA nação se reflete no espelho dos livros infantis. A Inglaterra tende a manter nas crianças o gosto pelo desporto, a exaltar não o triunfo individual, mas a vitória da colectividade, que exige o sacrificio e a abnegação. Ensina às crianças a amar a vida de marinheiro, a embarcar em pensamento, a percorrer os Oceanos, indo ao encontro dos perigos e das aventuras. Sobretudo, nunca ter medo; é a sintese daqueles volumes, nos quais os seus heróis se salvam pela coragem e pela calma, nos naufrágios, nos incêndios, nas expedições contra os piratas ou contra os canibais, entre os amarelos e os negros. Perdidos no deserto, prisioneiros e ameaçados de morte, não tremem, persuadidos de que um carácter inérgico vence os duros golpes da sorte, e que não é um destino feio o de morrer corajosamente. Em 1901, saiu em Londres, um jornal intitulado «Young Man of Great Britain», cujo programa consistia em fortificar o espirito de patriotismo e de lealdade e de organizar pelo meio dum liga das crianças de todo o reino Unido, um grande e importante trabalho, tornando solidária aquela nova geração, destinada a manter as tradições gloriosas da raça inglesa. Hoje pode fazer-se a mesmá coisa. Os pequeninos ingleses continuam a ler e a amar, o que Nelson lia na sua juventude. A mesma sorte afortunada têm certos livros de crianças de outras nacionalidades. Os jovens suecos têm sempre

Snobismo

O último snobismo das férias na Riviera francesa foi constituído pelas «fumeries» de ópio navegantes. Mulhersinhas sem cérebro e meninas à procura de sensações novas, não encontraram nada melhor do que intoxicar-se.

As «fumeries» eram prudentemente instaladas a bordo de pequenas e elegantes embarcações, veleiros, gasolinas, barcos a motor, que constituíam a flotilha das venareantes. Quando uma embarcação de fumadores de ópio deixava a sua base, o mais hábil polícia poderia subir a bordo que não encontrava nada suspeito. Procuraria em vão o material empregado: cachimbos, lâmpadas e bolas de ópio.

Tudo isto depois de ter servido, era metido num saco de borracha perfeitamente impermeável e mergulhado no mar. A embarcação partia e dirigia-se para esconderijo, do qual uma grande bóia marcava o lugar. A bóia era luminosa em vista das excursões noturnas. Parece esta estúpida moda causou vários dramas e tragédias. Em Monte Carlo, Juan-les-Fins, Cannes, Toulon e outras praias do Mediterrâneo a epidemia assumiu proporções alarmantes. É para lamentar,

que a mocidade ociosa, em vez de procurar fazer qualquer coisa de útil para a sociedade, empregue o seu tempo a envenenar-se em estúpidos e inúteis passatempos, que prejudicam a própria saúde.

Altruismo incompreendido

UMA jovem e riquíssima americana Mrs Grace Isammounds Conners, de 31 anos viúva dum armador de Buffalo, que foi também um influente político, proprietário de jornais, é a principal protagonista duma grave questão que agita actualmente o mundo médico e certos ambientes políticos dos Estados Unidos. Mrs Conners que seguiu de perto em San Francisco as experiências dos doutores Coffly e Humber, que tratavam doenças cancerosas dadas por incuráveis pelos outros médicos e que as curavam por meio dum sôro da sua invenção feito de tecidos de glândulas surrenais, teve tal entusiasmo perante os felizes resultados, aos quais assistiu, que ofereceu aos dois médicos uma vasta propriedade que possui na Cong Island, no valor dum milhão de dolares, para que eles fizessem um laboratório e uma clínica. E prometeu-lhes o rendimento necessário para a manter. Mas a repartição de higiene de Nova York, recusou a permissão que era indispensável, para a construção da clínica, baseada num parecer da Academia de Medicina de Nova York, que diz a excelência do método praticado pelos médicos não está cientificamente provado e que eles se entregam sobre os pacientes a experiência em «corpore vili», Mrs Conners, obstinou-se. Ela acha que se trata duma questão humanitária e quer a todo o transe, que os doentes dos Estados Unidos tenham modo de se tratar e curar gratuitamente numa clínica. Por duas vezes a Academia de Medicina se opoz a tal pretensão Mrs Conners fez um apelo ao governador do Estado de Nova York.

Luiz XIV e o embaixador

HÁ trezentos anos o rei Sol, ao menos uma vez na sua vida, foi fantásticamente mistificado por um embaixador marroquino. Os sucessivos bombardeamentos de Argel, da parte dos soldados de Luiz XIV tinham afligido o espirito do imperador de Marrocos, e o número imponente dos seus subditos feitos prisioneiros, impressionaram-no tão profundamente, que decidiu mandar a França como embaixador extraordinário Abdallah-ben-Aïssa, um dos mais altos dignitários do Império Africano. Abdallah tinha como missão oficial o resgate dos prisioneiros, mas levava também instruções secretas, concernentes a um tratado de aliança e propostas da paz com a França. O embaixador foi recebido com grande pompa; obteve uma audiência em Versailles, mas voltou como tinha vindo sem o mínimo tratado. O sultão Mullay Ismail, irritadíssimo falou primeiro em lhe cortar a cabeça ou de o fazer empalar, depois cedendo a conselhos resolveu tornar a mandá-lo a França, declarando-lhe que o queimaria vivo se não voltasse com o tratado. Foi então que o astuto diplomata ideou um estratagemma. Ele não podia apresentar-se ao rei unicamente com as rígidas instruções do sultão.

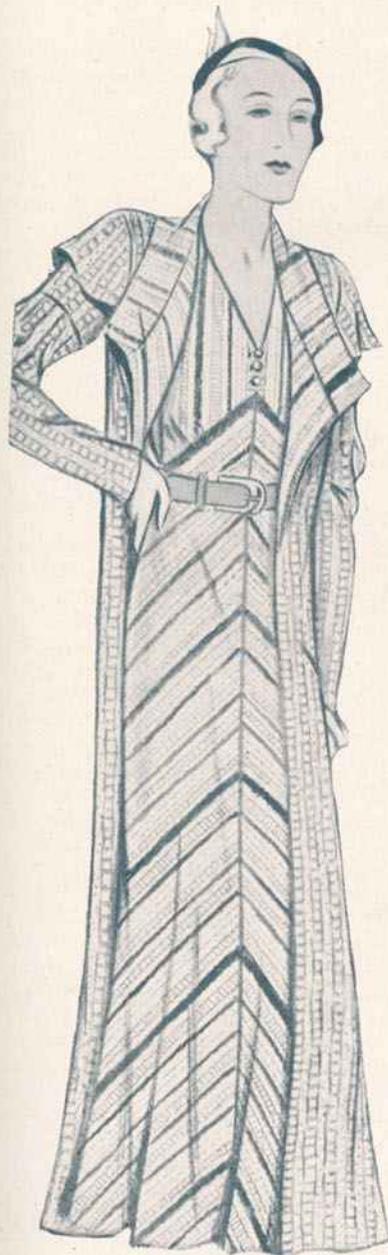
Imaginou pedir em casamento para o seu senhor a princesa de Conti, filha do rei. Esta imprevista proposta, fez grande barulho. Os jornais falaram nisso e os parisienses divertiram-se muito. Em Versailles todos ficaram surpreendidos e o rei mais do que os outros. Mas a suntuosidade, o luxo, as riquezas descritas pelo embaixador Abdallah eram fabulosas e estavam à



altura do seu imenso orgulho, Luiz XIV sentiu-se orgulhoso e mostrou-se muito conciliador com Abdallah. Que soube aproveitar a sua fraqueza e retomou o caminho de Marrocos não, com uma princesa, porque como primeira condição o rei exigia a conversão do sultão ao catolicismo, mas com um bom tratado de comércio. Muito tempo depois de Abdallah ter chegado a Marrocos o sultão soube a astúcia do seu embaixador e achando que a hábil burla merecia uma recompensa, deu-lhe um altíssimo cargo na sua corte.

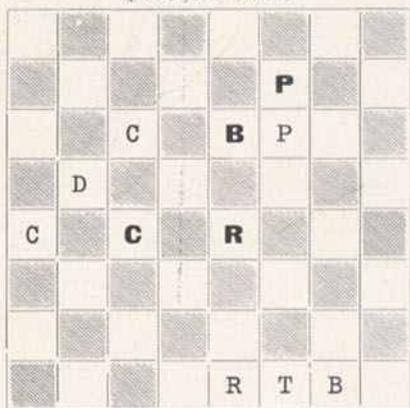
Centenário

Celebrou-se o ano passado o centenário das bodas, entre Luiza de Orléans, filha de Luis Filipe, com Leopoldo I da Casa Saxonia Coburgo-Gotha, primo do rei da Bélgica. Nessa ocasião inaugurou-se em Compiègne uma exposição comemorativa. Este matrimónio fez-se com grandes e maravilhosas festas, no Castelo de Compiègne, no dia 9 de Agosto de 1882 e marcou uma data memorável para o novo reino, o qual se constituiu em 1881 em seguida á revolução de 1830 e este acontecimento parecia de tão incerto destino, que Luis Filipe não quiz dar a coroa a seu filho o duque de Nemours. Escolhido pela Inglaterra, Leopoldo poz-se á frente desse reino, sem tradições e mal delimitado e, com uma bondade firme iniciou uma era de bem estar e sólido futuro. Luis Filipe apoiou a sua candidatura dando-lhe a mão da filha. A princesa Luiza tinha 20 anos, o marido era mais velho 22 anos, mas a mais perfeita harmonia reinava entre o par real, varios filhos nasceram desta união. O primogénito morreu com um ano, o segundo sucedeu ao pai e foi Leopoldo II, que foi uma das figuras mais importantes do século XIX depois dele tiveram Carlota, a infeliz esposa de Maximiano de Austria e Filipe, conde de Flandres. Leopoldo II tendo perdido seu único filho a coroa passou á sua morte, para Alberto, filho do conde de Flandres neto do grande rei e que é o actual «rei-cavaleiro» da Bélgica.



PROBLEMA DE XADREZ

(por J. W. Abbott)



Branças: 7 Pretas: 4
Mate em dois lances

BRIDGE

Espadas — V. 9, 5.
Copas — D. 6, 4.
Ouros — D.
Paus — —

Espadas. — 3. N Espadas. — — —
Copas. — — — O E Copas. — 9, 7.
Ouros. — V. 4, 3. Ouros. — 9, 8, 7.
Paus. — R. 5, 3. S Paus. — R. 9, 7.
Espadas. — 7.
Copas. — 3.
Ouros. — A. 10, 6.
Paus. — V. 6.

Trunfo é espadas. S é mão e faz 7 vasas.

(Solução do número anterior)

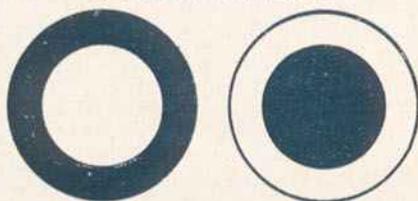
S entra com o 10 de espadas sobre o qual N se balda ao rei de paus; joga depois o dois de paus que corta com a dama de ouros de N; dá em seguida a mão a O jogando o 7 de ouros de N. O jogará paus, o que permitirá a S fazer duas vasas desse naipe. Se E se balda a copas, S joga copas e faz duas vasas com as cartas de N; se E se balda a espadas, S faz as suas espadas. Consegue assim seis vasas.

IGNORANCIA DE GEOGRAFIA

TAIRA Teilso, um dos mais conhecidos jornalistas japoneses, escreveu no jornal *Chu-Korom* as suas impressões de viagem na Europa. Particularmente interessante é o juízo que faz dos franceses. «Os japoneses que habitam em França sofrem e ofendem-se com a ignorância completa dos franceses a respeito do Japão. Não conhecem a geografia. Um francês abastado perguntou-me em Paris. «É chinês ou ananista»? Nem uma nem outra coisa sou japonês. «Ah! é japonês então vem da China»? Fiquei estupefacto com esta pergunta, para mim muito curiosa. Outro dia encontrei um francês. «É chinês»? «Não senhor, sou japonês». «Diz que é japonês o que não quer dizer que não seja chinês». «Como»? «Porque a sua pequena ilha pertence à República Chinesa». Fiquei estupefacto, pensei que aquele francês devia possuir uma carta geográfica na qual o Japão deve estar pintado com as mesmas cores do que a China. Outra vez encontrei uma elegante francesa que me fez sem hesitar a seguinte pergunta: «Em França não é verdade». «Não, minha senhora, fabricamo-las nós». Mas Taira Teilso nada tem que se admirar. Portugal está a 26 horas da França e nunca se encontra em viagem, ou se fala em França com franceses, que dizendo que somos portugueses nos não digam «Então é espanhol»? E por mais explicações que se lhes faça, acabam sempre por dizer «espanhol ou português é a mesma coisa».



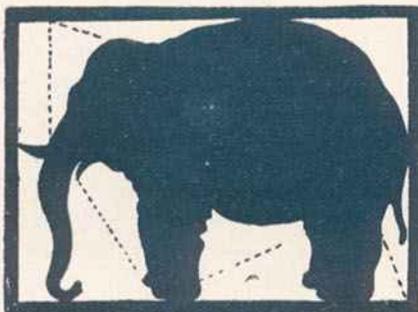
ILUSÃO ÓPTICA



O círculo preto sobre o branco parece mais pequeno do que o branco sobre o preto, sendo todavia ambos de iguais dimensões.

QUE ANIMAL SERÁ ESTE?

(Solução)



Como se pode vêr, o animal é um elefante. E vê-se também indicada no desenho a forma de colocar os 42 papelinhos.

O espírito inglês



FILHA MODERNA DE UM PAI ANTIGO: — O pai ainda não reparou que é uma vergonha sermos nós, em toda esta circumvisinhança, as únicas criaturas que não têm um aeroplano?

(Do «Punch»)

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
I	S	A	B	O	R	C	R	E	S	O			
II	E	S	O	L	R	E	M	E	C				
III	S	E	M	B	E	M	A	L	A				
IV	T	R	I	P	E	S	A	R	P	A	N		
V	R	I	A	L	I	C	E	C					
VI	A	S	A	R	A	S	A	A	M	E	I		
VII	T	I	M	O	R	T	C	L	A	R	O		
VIII	A	P	A	N	T	E	M	I	R	A	N		
IX	G	E	S	E	N	I	L	C	E				
X	E	L	E	T	A	C	N	A	M	Ã	I		
XI	M	A	S	R	I	A	I	O	R				
XII	A	M	A	L	A	A	R	A	O				
XIII	V	I	L	A	R	C	R	A	S	E			

ANEDOTAS

Um missionário inglês interroga um selvagem do interior da África.

— Mas afinal de quem gostam vocês mais: dos ingleses ou dos portugueses?

— Oh! muito mais dos ingleses...

— Eu logo vi!

— ... tem outro sabor, e é carne mais tenra!

A mãe: — Agora, Frederico, repara no que te vou dizer: Não quero que vás brincar para o jardim do nosso vizinho, porque o pequeno deles, o Guilherme, é muito malcriado.

Frederico (alguns minutos depois, debruçado no muro do jardim vizinho): — Olha Guilherme; a minha mãe não quer que eu vá brincar para o teu jardim, porque tu és muito malcriado; mas vem tu brincar para o meu, porque eu não o sou.

— Diga-me cá — perguntaram a um homem prático — se lhe saísse a sorte grande, qual era a primeira coisa que o senhor fazia?

Ao que ele respondeu, sem vacilar:

— Ia à Santa Casa, recebê-la.

No tribunal:

— Qual é o seu estado?

— Triste, sr. juiz, muito triste.

— Em que se ocupa? O que faz?

— Faço o desespero da minha família.

Um literato pergunta a um usurário, se tinha lido o seu último romance.

— Sim, senhor, e interessou-me muito.

— Acredito. O senhor é um homem, que não pode fazer nada sem interesse...

Efeitos da vida conjugal:

O lojista dum rua da Baixa, vendedor de porcelanas e vidros, cumprimenta, com muita cortezia, um casal que passa.

— Quem são? — pergunta-lhe um vizinho.

— São os meus melhores fregueses. Não se passa um dia sem atirarem, pelo menos, uma dúzia de pratos à cabeça um ao outro.

Lógica:

— Seis horas... Os dias vão crescendo!

— É verdade. Vamos ter mais tempo para não fazer nada!

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE BERTRAND

para **1934**

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses
e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas. — Passatempo e Enciclopédia
de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade
nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 463 gravuras
cartonado... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol de 557 pags., encadernado
30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75
LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida
ou preparar a fortuna

2.ª edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu extraordinário valor está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilla

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslováquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Itália, Suécia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidea, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidea sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doencas dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar. III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnéa. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a êle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexu I. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas Esc. 10\$00
Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
- N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
- N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
- N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
- N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
- N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
- N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
- N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
- N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
- N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

LIVROS

DA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PARA AS

ESCOLAS INDUSTRIAIS

Algebra Elementar, 1 vol. enc.	13\$00
Aritmética Prática, 1 vol. enc.	13\$00
Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. ...	12\$00
Elementos de Quimica, 1 vol. enc.	14\$00
Elementos de Mecânica, 1 vol. enc.	12\$00
Elementos de História de Arte, 1 vol. enc. .	25\$00
Física Elementar, 1 vol. enc.	14\$00
Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. .	14\$00
O livro de Português, 1 vol. enc.	12\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitões (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas,
encadernado em percalina

Escudos **25\$00**

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado	20\$00
Encadernado.	28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.ª EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 375 páginas {	brochado	12\$00
	encadernado.	16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	0\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	15\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século xviii. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luis Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

E' pôsto à venda na próxima semana

O NOTÁVEL LIVRO
do major-aviador Von Helders
Oficial do exército alemão

A DESTRUÇÃO DE PARIS EM 1936

Versão de ALVARO DE ANDRADE e MANUEL LUIZ RODRIGUES

Formidável trabalho de imaginação
prevendo uma futura guerra aérea

Esta obra, verdadeiramente extraordinária, de empolgante deli-
neação e atraente leitura, já traduzida em vários países, pro-
vocou tanto na Alemanha, como na França e Itália a maior
sensação e os mais apaixonados comentários.

O público melhor poderá apreciar do seu valor e da sua oportu-
nidade, neste grave momento da política internacional, medi-
tando nas palavras que se seguem as quais, assinadas por uma
alta individualidade militar dão o mais completo significado
político e militar do famoso livro

A destruição de Paris em 1936

**“Para melhor compreender a obra do major-aviador ale-
mão Von Helders é necessário que o leitor faça determina-
das transposições. É preciso corrigir — como na aviação
— a bússola: em vez da agulha apontar a linha Norte-
-Leste, deve apontar a de Norte-Oeste; em vez da palavra
INGLATERRA leia, em todo o texto, a palavra ALEMANHA”.**

1 vol. broc., com uma artística capa a cores, **esc. 10\$00**

Pelo correio, à cobrança, **esc. 12\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA